

JORNAL DE 2

ARQUIVAR

14 de

JUNDIAÍ, 26/4 A. 2/5 de 1976

N.º 43

Cr\$ 2

JORNAL DE JUNDIAÍ

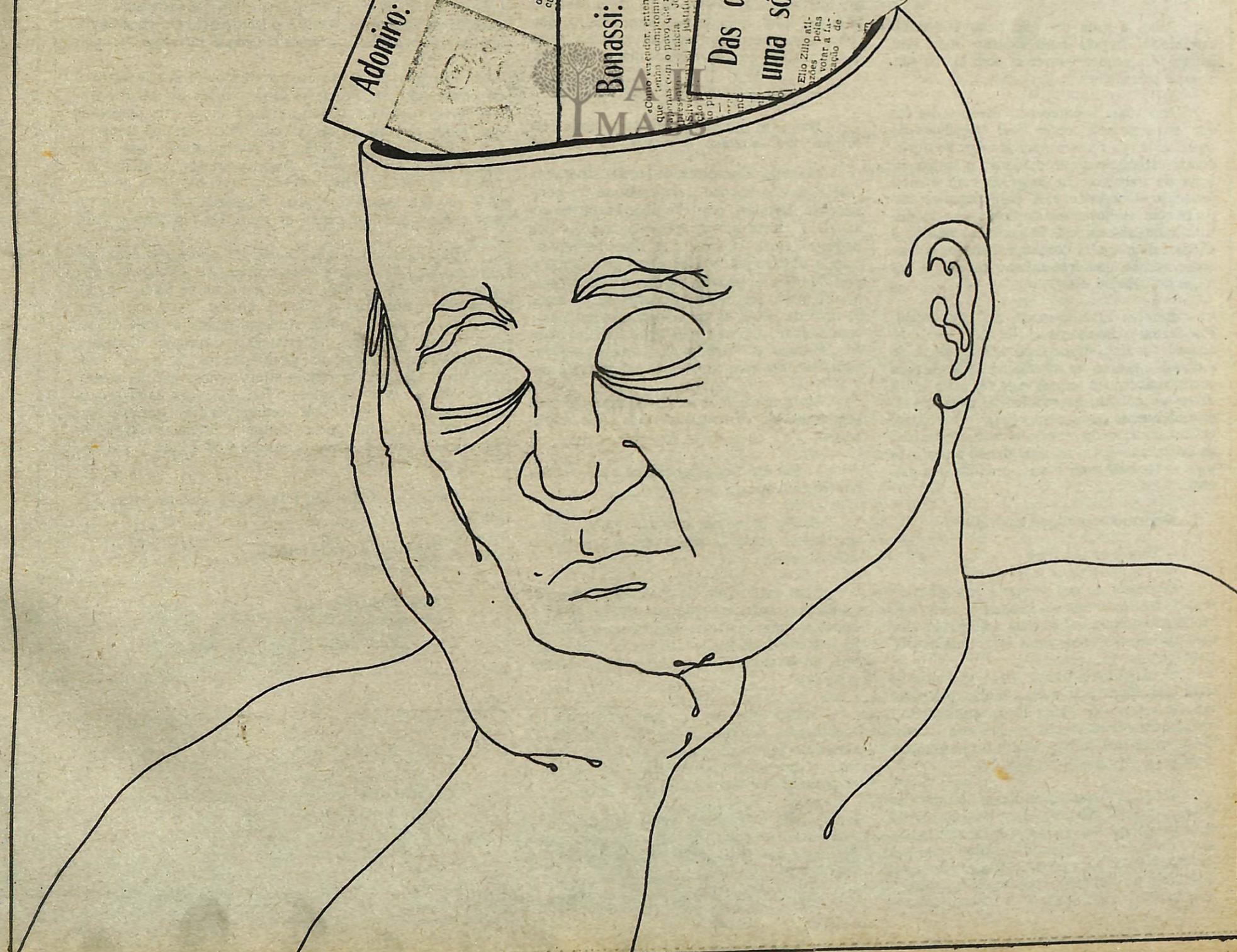
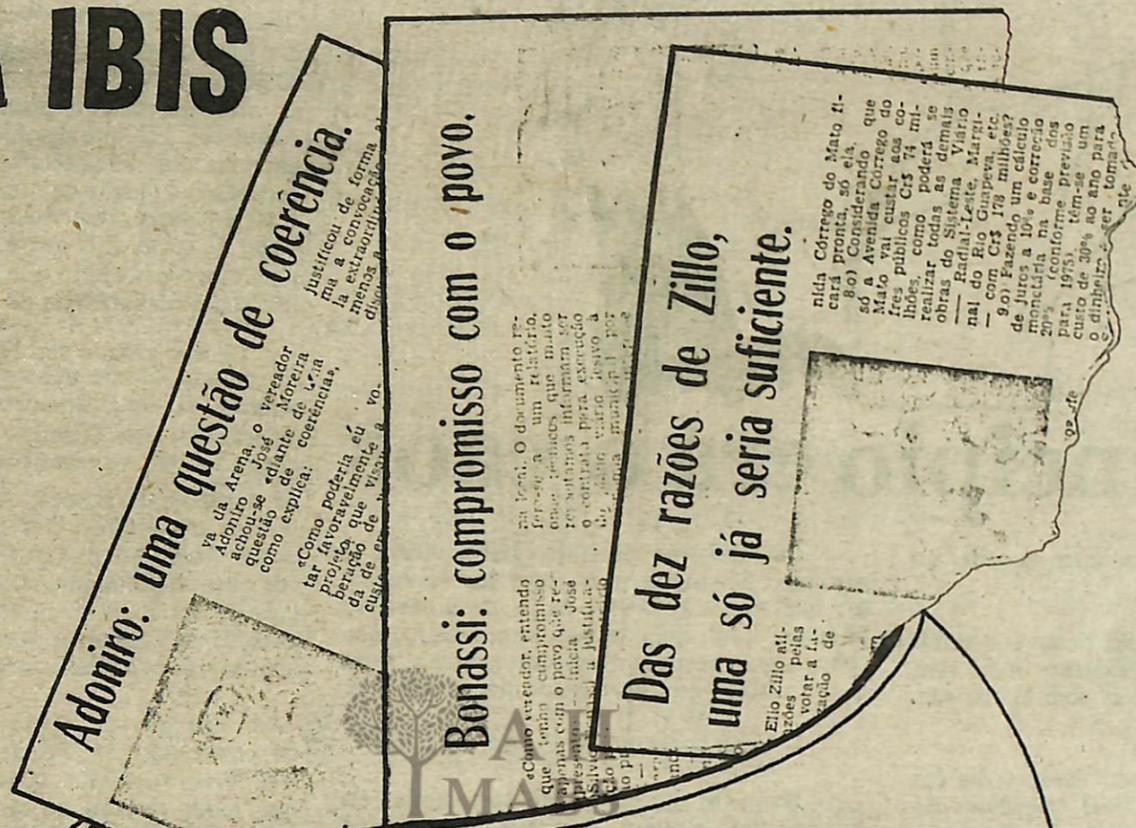
Rua, Barão de Jundiaí, 374/3
Nesta

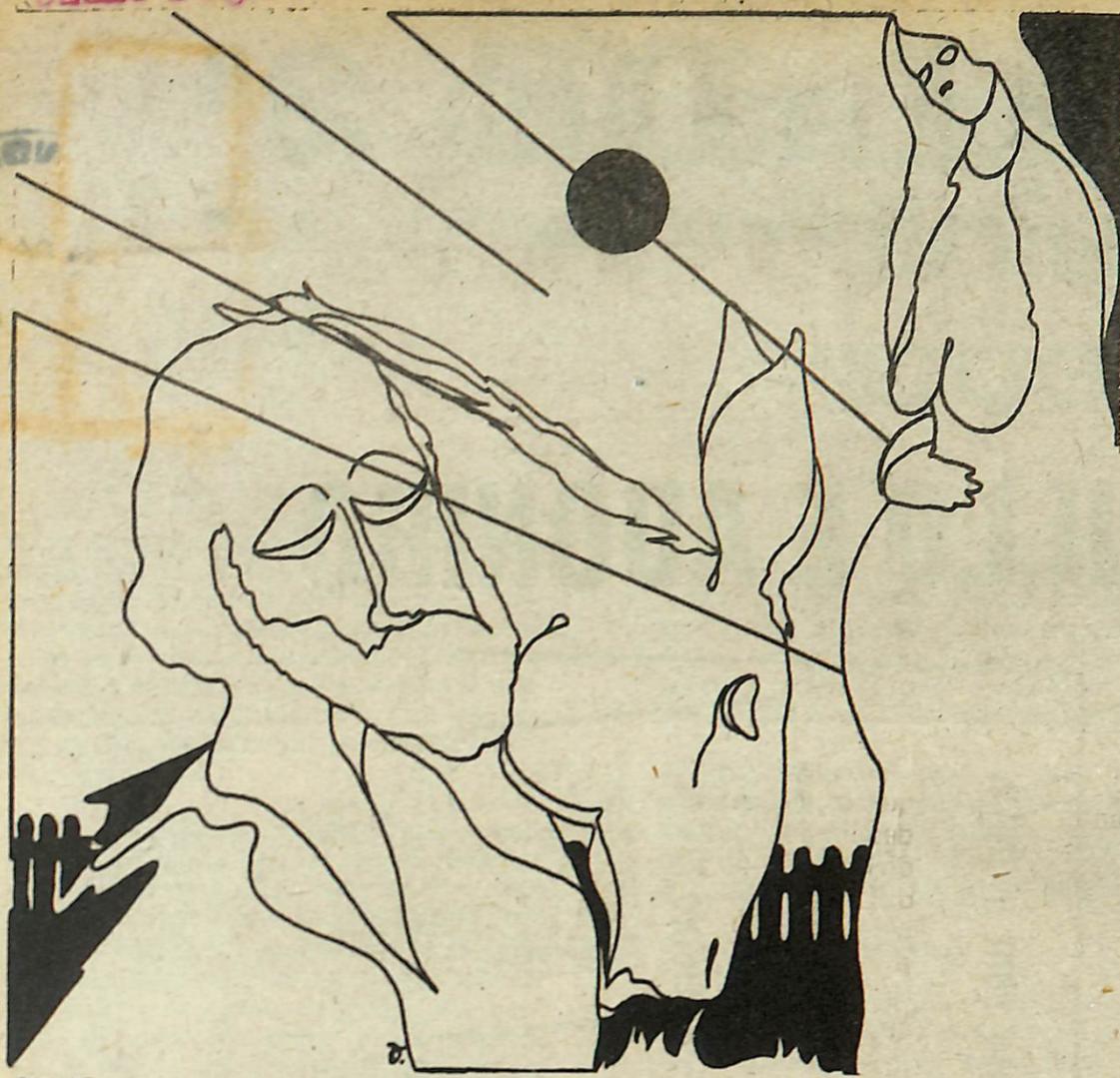


BONASSI, ZILLO E ADONIRO

CONTRA IBIS

PAG. 8 E 9





No principio era o caos

José chegou cansado, mais cansado do que ontem.

Aliás, a cada dia que passava o velho carpinteiro chegava mais exausto, mais sem ânimo para sequer conversar com Maria, sua jovem e bela mulher.

Isso vinha acontecendo desde o dia em que a carpintaria, onde José trabalhava há quase 25 anos, passara para as mãos de novos donos, estrangeiros que mudaram o antigo sistema de trabalho, que exigiram mais e mais produção — segundo eles, para pagar as despesas com as novas instalações, agora no distrito industrial da cidade, extremo oposto à antiga carpintaria e, conseqüentemente, à casa quase vizinha que José mesmo construira nas folgas do trabalho.

Embora mais cansado do que ontem, José seguiu o mesmo ritual: foi até o fundo do quintal dar uma espiada no velho burrico de estimação, pensou na trabalhadeira de Maria para cortar todo aquele capim cada vez mais difícil de ser encontrado na vizinhança, pensou e arrependeu-se de pensar em vender o burro, foi até o tanque, lavou o rosto e os braços, entrou na cozinha e sentou-se, aguardando o prato de sopa — também mais fraca a cada dia que passava.

Maria trouxe a sopa e a novidade:

— Vamos ter um filho.

O tremor da voz de Maria contagiou a mão de José que segurava a colher de caldo ralo. Maria não notou: mal contara a novidade, virou-se de costas e começou a lavar uma panela.

O carpinteiro tomou três colheradas da sopa, levantou-se e abraçou a mulher pelas costas. Os soluços de Maria foram diminuindo à medida em que os braços ainda fortes de José comprimiam seu corpo, o calor do homem enxugando as lágrimas da mulher.

Naquela noite, demoraram muito para dormir, ambos olhando para os caibros do telhado do quarto, as mãos dadas apertando-se, o som de um cavaquinho tocado na casa vizinha fazendo seus pensamentos afastarem-se por instantes da idéia comum: como fariam para sustentar a criança?

Quando José acordou, Maria estava se vestindo, iluminada pela fraca luz vinda da rua que varava as frestas da janela de madeira feita por José. José tentou, sem sucesso, descobrir algum vestígio no ventre de Maria, antes que o vestido lhe caísse pelos braços erguidos.

— Você tem certeza?

Maria fez sim com a cabeça e sumiu pela cortina que separava o quarto da cozinha.

Naquele mesmo dia, de volta ao trabalho, José espiou o burrico, arrependeu-se do pensamento, lavou-se, mas não pôde entrar na cozinha, a porta estava trancada. Espiou pelo pequeno vitró, chamou por Maria, afligiu-se com o silêncio, fez a volta na casa para tentar a porta da frente, quando viu Maria subindo pela rua de terra, às pressas. Encostou-se na grade de ripas da frente da casa e acompanhou Maria com o olhar. Achou-a mais bonita, muito mais do que todas as outras mulheres da rua, a quem Maria saudava num curto boa-tarde resfolegado.

Maria aproximou-se. Estava pálida demais. Depois de um curto silêncio ela falou, cabisbaixa:

— Fui até Dona Sebastiana e ela me deu um remédio que diz que resolve.

Sentiu as pernas enfraquecerem, tentou agarrar-se à grade de ripas, caiu desmaiada no chão de terra.

Dias mais tarde ela comentaria com a vizinha a estranha sensação que sentira, antes de desmaiar: uma luz forte vinda do céu, São Miguel Arcanjo chegando até perto e indo embora no instante em que ela contara do remédio a José.

Muitos dias depois, bem mais tarde, estranhando a demora de José em voltar da cocheira do fundo do quintal e indo até lá verificar o que estava acontecendo, ela ouviria o carpinteiro conversando com o burrico:

— Eu ia botar o nome nele de Jesus, mas não ia deixar ele ser carpinteiro, não. Pra que? Pra não poder nem sustentar um filho?

ERAZÉ MARTINHO



Seu Pereira anda "cuspindo" fora da pichorra. Depois de deixar o Nassib mordido pela mosca azul, acabou fazendo com que a cabeça do coitado rolasse no abismo das desilusões. Ele, que durante 3 anos levou pensando que a caixinha dos "chupetas" estava destinada a financiar a sua candidatura, acaba de constatar que na corte de seu Pereira o Reis é outro, reservando-lhe apenas o papel de bobo. Do bobo da corte. É o que é, porque se assim não fosse, teria desde logo percebido que as vertebbras de seu Pereira são lubrificadas com o azeite da deslealdade.

É isso mesmo seu Nassib. Essa lição data do começo do mundo. *Hodie mihi gras tibi*. Você pintou e bordou à sombra de uma situação que fede agora apodrecida no lodaçal dos conciliábulos da imoralidade. Há que purgar, queira ou não, os ressaibos da conjuntura; da degradingolada; da salsugem da ressaca; da marginalização. É o destino fatal dos troca-tintas. Dos puxa-sacos. Que te adianta exorcizar? Falar em tradição, ou em traição? São qualificativos que, confundidos, não fazem eco na insensibilidade gelada do patrão, a quem você tanto tem badalado com seus abraços, servilismos e sorrisos prazenteiros. Ou você engole o sapo, ou tchau... a porta da rua é serventia da casa.

Teu grito de guerra contra a capoeira que te acabam de passar não vai alterar as subjetivações de seu Pereira. Não fosse você tão primário e desde logo teria percebido que nunca deixou de ser vassalo. Pode ter sido amigo e fiel, mas nunca foi "irmão de confidências" nem sócio nas compras e nas vendas. Como pretende se igualar em amor e privilégio? Que vale dizer que não o vai apoiar? Que procura agasalho n'outra freguesia? O teu prurido não é mais que um canto de grilo. De um grilo grilado

Ouca, Nassib, o que aconteceu podia não estar escrito no gibí. Mas estava estereotipado na testa de seu Pereira. Todos sabiam que você ingenuamente fazia o papel de marido traído. Era o único a ignorar. Estas coisas, via de regra, sucedem a quem costuma fechar os dois olhos para dormir. Meu caro conterrâneo, (permita-me chama-lo assim), a sorte está lançada. Confiança não se impõe, você sabe disso. Dai, não te restam alternativas a não ser consolar-se com o Fávoro de quem o Paoletti acaba de divorciar-se. Neste transe, mais te vale acender uma vela que prantear a escuridão. Continue como "chupeta". Pode não ser muito dignificante, mas é bastante rendoso. Mal com o patrão, bem com o caldeirão...

Quanto ao transfuga, não vai ter melhor sorte, isso porque,

— "Qui lascia a strada vecchia
Per la nuova

Sa quel qui lascia
Ma non sa|quel qui trova".

SIMÃO

JORNAL DE 2a. FEIRA
Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044 - Fone - 4-2759
Redator Chefe: Carlos Veiga
Capa e ilustrações: Decio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue
Impressão: Departamento de Off-Set do
"Diário do Povo" - Campinas

Requerimento ao Prefeito - nº 5

Houve, na realidade, uma mudança nos princípios de administração municipal no que toca ao endividamento. Muitas vezes, o importante não é construir com vistas voltadas para o real interesse público e social, equacionando-se a necessidade presente e futura em termos de responsabilidade e encargos.

O que se verifica comumente é que, a pretexto da necessidade de acompanhar o progresso ou mesmo de se antecipar a ele o que se faz na realidade é correr para realizar algo destinado a marcar vaidades pessoais ou atingir interesses plenamente conhecidos.

A Prática tem feito adeptos em vários municípios, não sendo, portanto, um fenómeno isolado. Felizmente, porém, acontece em reduzido número, o que, se não entusiasmo, não chega a desesperar. Merece, por isso mesmo, a atenção de todos e especialmente das autoridades.

Apreciando o que se passa em Jundiá, quando a Câmara Municipal não indaga nada, com

a justificação de que o Executivo dificilmente conseguirá levantar todo o financiamento a provado e expede novas autorizações mesmo sabendo que a resolução 62/75 do Senado Federal dá um limite que já se perde na poeira de tanto que foi superado, chega-se à conclusão de que o exame da situação não pode ser simplista e ficar restrito ao Executivo e Legislativo, sendo necessário chamar o problema ao debate público.

Ao endividamento, para fins de administração, temos que acrescentar o caudal enorme de desapropriações que o futuro Prefeito vai herdar, ignorando-se completamente o seu montante.

À vista do exposto e considerando,

que, a administração municipal em lugar de utilizar os recursos para desapropriação previamente, vai construindo, valorizando as áreas e decretando-as de utilidades públicas em seguida ou paralelamente;

que, é fato bastante conhecido que na sua maioria os proprietários discordam dos valores atribuídos, iniciando-se a fase de recursos e que resultam em compromissos para o futuro Prefeito;

que, não se pode equacionar o problema com as verbas orçamentárias simplesmente, porque podem ser insuficientes ou não utilizadas;

que, é de real necessidade que se incorpore os valores das desapropriações ao montante de dívidas que estão sendo contraídas, mesmo porque virão as sentenças judiciais que deverão ser cumpridas sob pena de intervenção ao município e os problemas que poderão surgir são imprevisíveis;

REQUEIRO, para conhecimento de todos os que se interessam por Jundiá, se digne o Prefeito informar:

1) A Prefeitura Municipal tem pago as desapropriações de terrenos?

2) Quais os proprietários que receberam indenização de terrenos?

3) Qual o total em cruzeros, desapropriados na atual administração?

4) Quantos proprietários discordaram e quantas ações percorrem os canais judiciários?

5) É possível calcular qual o total dos compromissos referentes às desapropriações que serão transferidos para a próxima administração, nos valores das contestações?

6) Há processos da administração anterior para serem liquidados? Quais?

Nota:- Estamos aguardando respostas aos requerimentos n. 1, 2, 3 e 4.

VIRGILIO TORRICELLI

Ora, a lei!!!

O DINHEIRO DO IMPOSTO ESVOAÇA NA PROPAGANDA ELEIÇÃOEIRA DO PREFEITO.
ATÉ ONDE A LEI ELEITORAL ESTÁ SENDO RESPEITADA?
SENDO A CÂMARA UM INSTITUIÇÃO AMORFA, A QUEM CABE EXIGIR O CUMPRIMENTO DA LEI?

Desde a anunciada reunião onde o sr. Ibis Cruz apontou seu candidato à sucessão municipal na pessoa do sr. Arnaldo Martins dos Reis, secretário da saúde, que o dinheiro dos impostos vem sendo distribuído indiscriminadamente na propaganda política.

É o óbvio que escancara esta ilação e a situa flagrante, insofismável, cristalina, aos olhos até dos mais incautos e indiferentes.

Os clichês se sucedem na primeira página dos jornais para alardear mentiras e intrujices relativas às chamadas

unidades de saúde que foram implantadas pela administração a preços maiores que os normais estimados no atendimento individual. Em verdade, até agora, pouco ou nada fizeram as ditas unidades de saúde a não ser encaminhar doentes para o S. Vicente e para o Hospital do Sesi quando se trata de crianças.

Não obstante, como tudo leva a crer, vamos continuar presenciando o dinheiro do povo esvoaçar nas colunas dos jornais para a catálise de prosélitos que possam sufragar o nome do sócio ao cargo de prefeito municipal.

Até onde e até quando vão ser desgastados os cofres da Prefeitura para alimentar essa patranha por todos os títulos condenável?

A lei impede que tal ato seja levado à prática com punição aliás bem rigorosa aos infratores contumazes.

Ora, a lei! A quem cumpre executá-la?

Diz a de n. 4.737/65: Art. 240. A propaganda de candidatos a cargos eletivos somente é permitida após a respectiva escolha pela convenção. Art. 241. Toda propaganda eleitoral será realizada sob a responsabilidade dos partidos e por eles pagas, imputando-se-lhes solidariedade nos excessos praticados pelos candidatos e ADEPTOS.

Dir-se-á, por despautério, que os clichês que o sr. Ibis Cruz vem publicando com timbre oficial não caracterizam dolo nem envolvem matéria político-eleitoral de vez que tratam das prosaicas unidades de saúde. Entretanto, depois de divulgado, (sem contestação), o nome do secretário da saúde como seu candidato, concomitantemente com o aparecimento nos jornais da insistente propaganda daquelas vergôntes da administração municipal superintendi-

das pelo sr. Arnaldo Martins dos Reis, não há como ludibriar, despistar ou sofismar em torno do desrespeito à lei, *malgré-tout* as subjetivações do respectivo conteúdo.

Pode, quiza, assim não interpretar a Justiça Eleitoral sempre respeitada e acatada nos seus ensinamentos. Todavia, nestes comentários não invocamos a Justiça Eleitoral como paradigma para proclamar altissonante o senso comum de corriqueiro raciocínio e afirmar que a lei, face o enunciado, vem sendo imponderavelmente descumprida, isso porque, ninguém, em sã consciência, será capaz de negar objetivos políticos de efeito eleitoral transcendental no alardeamento demagógico, quando não mentiroso, da prosopopéia do sr. Ibis Cruz, no uso abusivo e desautorizado do brasão municipal.

"Fata la lege, fata la burla", diz o italiano. Admitamos, por respeito ao axioma, o cerceamento da ação punitiva ante o velado das intenções e o aproveitamento de seus efeitos. Mesmo que a ninguém passe escondida a trapaça do prefeito, há que se admitir, se assim entenderem os poderes, que a ilação, à luz da lei, não configura o dolo. A tese pode ser discutível como doutrina, como razão não é.

Reza outra lei, todavia, que em nenhuma hipótese pode o prefeito inserir matéria oficial ou oficiosa em jornal outro senão aquele contratado para publicação dos atos administrativos. Assim agindo, é de evidência que o legislador procurou acautelar o interesse municipal contra o jogo politiquero do prefeito. E quem ignora que o sr. Ibis Cruz vem tripudiando do dispositivo legal para saciar a voracidade dinheirista de uma imprensa antes inconformada com os descaminhos administrativos, com caríssimas e supérfluas publicações de nenhum interesse coletivo?

A quem cumpre fazer respeitar as leis? Ou a sua execução está adstrita à elasticidade de comportamento de cada um? Ou será que a procrastinação imponderável continuará exigindo que alguém, rebentando os grilhões da indiferença com um prurido mais ressonante purgue a paz da calma em holocausto à causa do povo?

Sendo a Câmara uma instituição amorfa a quem cumpre defender a lei?

ELCIO VARGAS

Bafos

O que mais se fala no momento, nas rodinhas de assuntos políticos é sobre a campanha eleitoral do Dr. Arnaldo Reis. Conseguindo eliminar dois jundiáenses, ficou só no terreiro do sócio.

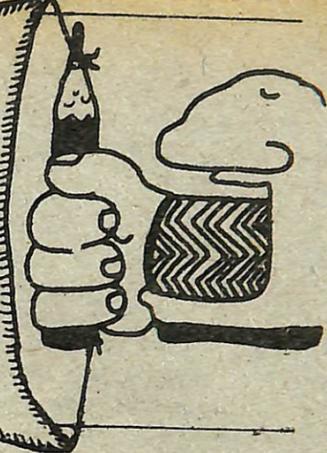
Informa-se que o vereador Rivelli vai pleitear sua recondução à Câmara Municipal. Sempre que se ouve referências ao combativo vereador, são elogiosas pela sua coragem na defesa do interesse popular. Está claro que emplacará mais quatro anos.

Comenta-se com bastante insistência que a legenda do MDB fará a maioria na Câmara Municipal de Jundiá. Está aí um bom assunto para os candidatos a Prefeito da Arena começarem a estudar.



Zona Franca

(O leitor escreve, comenta e opina)



O LEITOR GOSTOU MUITO,
MAS MUITO MESMO

«Por intermédio de um amigo, recebi o Jornal de 2.a aqui em Guaxupé. Quero dizer que gostei muito, mas muito mesmo, do artigo do sr. Sandro sobre Luchino Visconti». José Jaime Matos

de Sá, Guaxupé, Minas Gerais.

Então empatou, Jaime. O Sandro também gostou muito da sua carta. Mas muito mesmo.

O LEITOR SE QUEIXA. A TELESP TAMBÉM.

Srs. Há exatamente um mês e vinte dias, quando mudei da rua Petronilha Antunes para a rua Nicolau Coelho, 165, escrevi à TELESP, solicitando a transferência do meu telefone 6-5779, para o meu novo endereço.

Contudo, decorridos 50 (cincoenta) dias, apesar dos meus protestos e solicitações verbais e telefônicas quase que diárias, explicando que sou cabelereiro e, portanto meu ganha-pão depende, em grande parte dos telefonemas das clientes que marcam horas pelo telefone, e, que além disso, minha sogra acha-se gravemente enferma (e se tiver que chamar um médico urgentemente?), a TELESP, não toma providência.

Tenho conhecimento (e posso provar), de pessoas residentes na própria rua Baroneza do Japi (meu endereço antigo), que tiveram seus telefones transferidos após apenas um dia depois de solicitada a transferência. Gente importante... mas, cujo di-



nheiro, vale rigorosamente como o meu, aquele com que pago, religiosamente, sem atraso, a minha conta telefônica mensal.

Antonio Carturam

não efetuamos a ligação do telefone 6-5779, para a rua Nicolau Coelho, 165, por motivo de falta de facilidades técnicas, naquele setor da cidade.

Estamos providenciando o concerto das irregularidades apresentadas, quando então, colocaremos o aparelho em perfeito funcionamento.

Quanto aos telefones instalados na rua Baroneza do Japi, não tiveram o mesmo problema encontrado nesse endereço e consequentemente foram instalados rapidamente, o que seria do nosso agrado, que o mesmo acontecesse com o aparelho de V.Sa.

Concordamos que os serviços estão demorando, mas a rede atual não nos oferece facilidades para mudanças mais rápidas, motivo pela qual, agradeceríamos a compreensão de V.Sa.

A TELESP responde:
Em resposta à carta datada de 26/03/76, a qual mereceu nossa melhor atenção, informamos V.Sas., que

DÉCIO, O BOM

Sr. Como observadora semanária desse jornal e admiradora dos desenhos, tenho a dizer que se esse jornal tem uma coisa que preste, ou melhor, que valha a pena ser notada, são as ilustrações muito bem feitas pelo artista (realmente é um artista) Décio que, com sua imaginação muito fértil, consegue dar um pouco de humor ao tão humorado semanário. Claudir Oliveira.

O Décio agradece e esclarece que está usando um adubo muito bom, razão de sua fertilidade. Pon outro lado, explicamos que não somos tão irascíveis assim. Acontece que nos aborrecem muito as concorrências lesivas que pagam o dobro pelo asfaltamento, quatro vezes mais pelas terraplenagens e as histórias todas que você já sabe.



CONSTRUTORA JUNDIAÍ LTDA.
r. Siqueira de Moraes n. 578
8º andar - conjunto 801 - C

JUNDIAÍ CLINICAS



Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

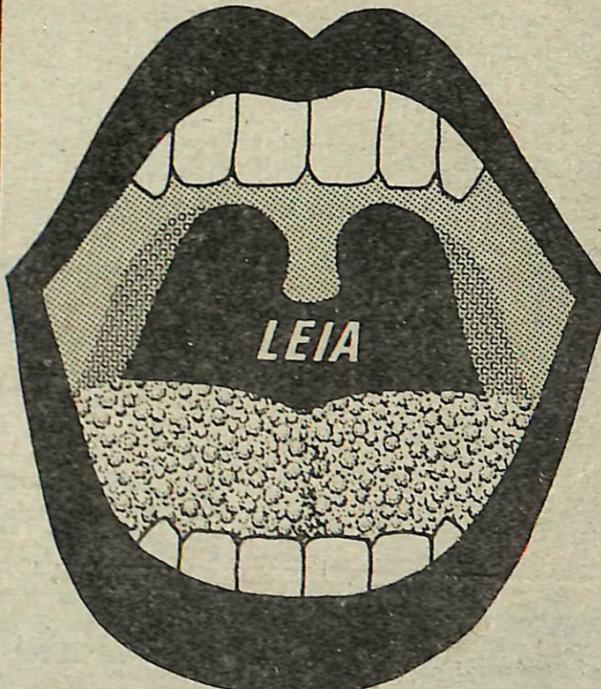
UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CASSIA
Praça Rotatória, s/n - J. Messina
Fone: 4-1666

JORNAL DE 2ª



TODA 2ª FEIRA NAS BANCAS

COZINHA JUNDIAIENSE LTDA



refeições industriais

R. JOSE BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA, 408
FONES: 6-6392 E 6-2461

XEROX
também é com o
FOTO ZEZINHO

Hiperestesia

S. E. B. EBBERT

Podemos dizer que nosso inconsciente é capaz de captar os mínimos estímulos que passam despercebidos de nosso consciente. Por exemplo: Você está lendo estas linhas e sua atenção está voltada para elas. Mas além da sensação de ver, através dos olhos, seu inconsciente está recebendo muito mais sensações do que possa imaginar. Se não concordar, atenha-se: você está sentindo sua roupa sobre a pele, sente seus pés dentro dos sapatos, sente o atrito destes, sobre o chão, seus dedos sentem, através do tato, este jornal em suas mãos, você pode ouvir o ruído dos carros na rua, o som do rádio ligado na outra sala, sente o peso que o relógio de pulso exerce sobre seu braço, pode ouvir sua respiração, seu corpo está recebendo a sensação de frio ou calor da temperatura ambiente ao seu redor, etc... Através de nossos sentidos, todas essas informações são passadas para a mente ao mesmo tempo, porém a maior parte delas somente são sentidas e registradas pelo, inconsciente. Nosso inconsciente não só tem capacidade de registrar essas sensações mínimas, como também de "exagerá-las". A essa extraordinária capacidade de sensação, dá-se o nome, tecnicamente de HIPERESTESIA.

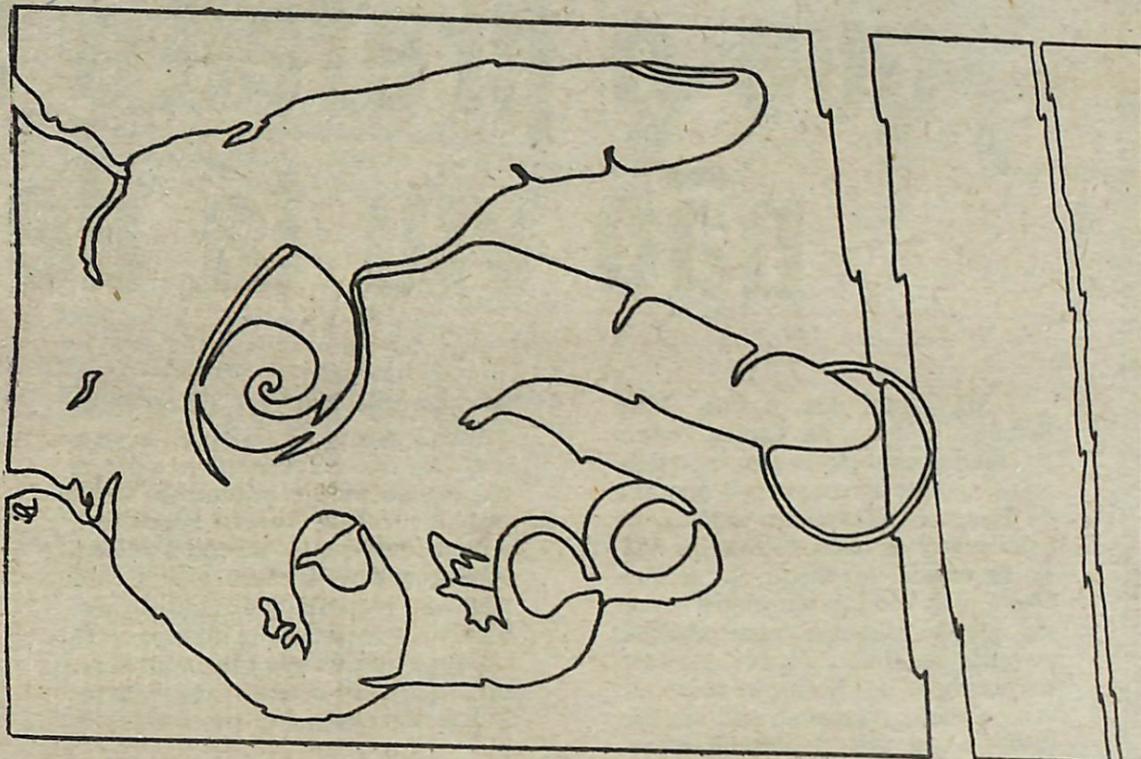
A hiperestesia é a exaltação da sensação e hiperestésico é quem capta e pode manifestar estímulos mínimos. Não é propriamente um fenômeno paranormal, mas sim um fenômeno extra-normal, uma vez que todos nos apresentamos Hiperestesia em maior ou menor grau.

É muito famoso, o caso de uma menina francesa, Giselle Court. Quando ainda tinha 3 anos, após uma perturbação nervosa, a pequena ficara cega. Pouco a pouco, com o exercício e vontade de vencer, ela foi hiperestesiando as extremidades dos dedos até conseguir distinguir as cores com só aproximar e deter os dedos sobre elas. Passado algum tempo, após muito esforço e treino, ela conseguiu aprender a ler e escrever com notável facilidade".

"Diderot afirma que há cegos que, entrando pela primeira vez numa sala desconhecida, se desviam dos móveis com tal precisão que dão a impressão de que vêem. Ducamp conta maravilhado o que presenciou no Instituto de crianças cegas de Paris. Várias crianças cegas daquele Instituto brincam e correm em vários jogos ao ar livre sem se chocarem. Interrogou os diretores do Instituto à procura de uma explicação, embora não obtivesse mais de que a confirmação do fato: são cegos absolutamente, não obstante evitam obstáculos".

Tem-se também referências de um cego que gosta de "ver" televisão, e de vários cegos de um Instituto especializado na Itália que costumam subir ao terraço, para "verem" entrar os barcos na baía".

Existem também casos de pessoas que lêem pelo cimo da cabeça, sentem o paladar através das pontas dos dedos. "O Prof. Lombroso encontrou, certa feita, uma histérica que, em ataques de hipnotismo espontâneo, perdia completamente a visão pelos olhos, vendo entretanto, com a mesma acuidade, pelo lóbulo da orelha esquerda. Não só distinguia as cores, mas até os caracteres duma carta chegada à pouco. Mais ainda, concentrando com uma lente alguns raios de luz sobre o lóbulo da orelha esquerda, a histérica ressentia-se vivamente e gritava, sacudia a cabeça e cobria a orelha com o braço. Igual fenômeno sucedia com o sentido do olfato: a amônia e a assafétida aplicadas ao nariz, não davam nenhuma reação. Aplicadas ao queixo, faziam espirrar e obrigavam a doente a afastar a cabeça e insinual de náusea e enfiado".



A hiperestesia é também muito comum entre os animais. Isso é provado, observando-se as borboletas machos da espécie "Arestias selene" pois são atraídas pela fêmea a nada mais nada menos que 11 kms. de distancia, para acasalamento, na época do cio.

Os cães de caça, se guiam por uma admirável hiperestesia do olfato, ao seguirem a lebre que pisou o solo horas antes, mesmo se dando com os cães chamados de "Pastor Alemão".

Têm-se também o celeberrimo caso dos cavalos de Elferfeld, que executavam fantásticos cálculos matemáticos, chegavam à extrair raiz quadrada, respondiam perguntas batendo com as patas no chão o número de vezes corresponde à letra, no alfabeto. Estes cavalos foram tão famosos pelos prodígios que executam, que oportunamente voltaremos ao assunto mais detalhadamente.

A hiperestesia é, portanto, um fenômeno que se dá até com razoável frequência. Mas que pensar de Homens que vêem pelos dedos, cheiram pelas orelhas, ouvem pelas mãos...? Na verdade, não vêem, nem cheiram, nem ouvem, mas sentem o contato dos raios de luz, das vibrações do ar dos eflúvios odoríferos, e o cérebro responde causando uma alucinação à modo de visão, olfato, audição... Isto é HIPERESTESIA...

Bibliografia

A MAGIA DO HIPNOTISMO — Oliveira Martins.

A FACE OCULTA DA MENTE — Oscar G. Quevedo

O QUE É PARAPSIKOLOGIA — Oscar G. Quevedo.

A IMAGEM QUE VOCÊ VÊ, DEPENDE DA ANTENA QUE VOCÊ TEM.

TEMOS UM TIPO DE ANTENA PARA CADA NECESSIDADE

INDÚSTRIA DE ANTENAS JUNDIAÍ LTDA.
Loja: Rua São Bento, 126 — Telefone 6-8164
Fábrica e Escritórios: Via Anhanguera, Km 60,800
Telefones 6-1111 e 6-8142

LAGO AZUL
RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

As imoralidades que o prefeito Setubal não viu lá de cima.

Há alguns dias, o Eng. Olavo Setubal, prefeito da Capital, esteve em Jundiá almoçando com o prefeito Ibis Cruz, juntamente com a diretoria da Duratex. Visitou, em seguida, de helicóptero, as obras de Sistema Viário da cidade. Ao descer, fez declarações a rádio local, externando a impressão que lhe causaram "essas fabulosas avenidas de fundo de vale, que são um exemplo de desenvolvimento urbano e viário, no mesmo estilo de São Paulo, e que aliás são devidas aos resultados excelentes do Prof. Cândido Malta, que foi assessor do prefeito de Jundiá e convidado para planejar o mesmo em São Paulo".

O que o Eng. Olavo Setubal viu, lá do alto, foi o imenso movimento de terra realizado para abrir as avenidas e pago a preços que chegam a ser quatro vezes maiores que os preços normais. Se ele achou "fabulosas" as avenidas, pela sua grandiosidade, pode bem fazer idéia do rombo que ocasionaram nos cofres do município, com seus preços imorais. O Eng. Olavo Setubal viu também, lá do alto, as enormes extensões de asfalto feitas ao dobro do preço normal. Estranho é ter qualificado isso tudo como "um exemplo de desenvolvimento urbano e viário".

Se é um exemplo para ser seguido, aqui vai, para quem quiser a receita.

Em primeiro lugar, deve ser contratado um urbanista, se possível de renome, que se disponha a fazer em sigilo, a portas fechadas, o plano viário a construir. O elemento segredo é importante: diminui a possibilidade da vinda de muitas firmas para a concorrência que vai se abrir. Além disso, há sub-produtos muito interessantes, como a compra, a preços baixos, de terrenos que se valorizarão com as futuras obras. E ao trazer as avenidas e definir suas prioridades, não se pode esquecer estes aspectos de especulação imobiliária.

A concorrência para a execução do sistema viário deve ser preparada com especiais cuidados. Princípio básico: abrir a concorrência a preços unitários, julgar pelo valor global, e contratar as obras de novo por preços unitários. Devem ser incluídos no projeto itens que serão realizados, e itens "fantasmas", que não existem realmente ou simplesmente não serão feitos. Naturalmente, a firma privilegiada

sabendo disso tudo com antecedência, cotará a preços absurdos os serviços que irão ser executados, e a preços vis, equilibrando o orçamento, os demais itens. Outro detalhe importante: o orçamento básico, no edital de concorrência, deve ser bem alto. Como nenhuma proposta pode ter valor global abaixo de um limite mínimo, 10% inferior ao orçamento básico, vai haver um empate dos concorrentes neste piso excessivamente alto.

É de bom conselho contratar um advogado bem famoso para cuidar dos aspectos legais envolvidos. Isso fica caro, mas é precaução que vale a pena tomar. E afinal de contas, os honorários saem dos cofres públicos, que são generosos.

A concorrência deve ser aberta de chofre, sem divulgação, com a publicação dos editais e fixação do prazo para a apresentação das propostas restritas ao mínimo necessário para atender à lei. Se as obras forem volumosas e complexas, consegue-se assim impedir, praticamente, a vinda de outras firmas para participar da concorrência. Em Jundiá, o prazo, além de curtíssimo, coincidiu com as festas de fim de ano, em 1973. Foi um requinte que nem sempre é possível conseguir.

Com todos estes cuidados, é possível que só se apresente a firma destinada a ganhar as obras, além de outras combinadas para fazer pano de fundo. Se surgirem, porém, propostas inesperadas, há necessidade de simular um julgamento. É preciso nomear uma comissão que se disponha a declarar vencedora a firma privilegiada, mesmo com base em argumentos infantis ou mentirosos. Como há um empate forçado no valor global, outros fatores passam a preponderar. A comissão julgadora deve se fixar em aspectos superficiais, como a apresentação menos cuidada das propostas feitas às pressas pelos concorrentes de última hora. Análises mais sérias devem ser evitadas. As discrepâncias nos preços unitários da firma vencedora devem ser ignoradas, embora tomassem a proposta inaceitável em qualquer julgamento honesto.

Depois, é só fazer o contrato, a preços unitários, e executar os serviços caros. É lucro fácil, na certa. Se a ambição for muito maior que o orçamento, aumentem-se os impostos e obtenham-se financiamentos. Com audácia e habilidade, parece que não há limite para estes vãos ousados.

Uma série de providências paralelas devem ser tomadas, para garantir o sucesso do plano. A mais importante de todas: conseguir uma ampla e intensa cobertura jornalística. Isto não é muito difícil. É só encaminhar para os jornais verbas polpudas de dinheiro público, sob a forma de publicações oficiais, publicidade demagógica, e outros títulos. Eles não terão o menor pejo em retribuir os favores fazendo a apologia desbragada do governo imoral. A falta de escrúpulos é mercadoria abundante, e isto facilita muito as coisas.

Outra providência indispensável: obter o domínio da Câmara, através da formação de um bloco majoritário submisso às vontades do executivo. Como formar este bloco, e como conseguir a submissão de cada um dos seus elementos, é problema a resolver considerando cada caso em particular. Com jeito, conversa, pressões e outros argumentos, acaba-se conseguindo a adesão de vereadores em número necessário para neutralizar a Câmara, e eliminar qualquer interferência sua no governo do município. Uma vez conseguida a submissão dos indivíduos, é cada vez mais fácil mantê-los assim.

Mais algumas dicas: elementos da comunidade local devem ficar afastados da fiscalização e do controle das obras. Quanto menos informações transpirem sobre os serviços que estão sendo feitos, melhor é. Deve haver muitas festas de inauguração, com alarde e foguetório, para emprestar uma imagem de progresso e de dinamismo às obras imorais. Termos como "quebrar as estruturas", "progresso de minuto a minuto", "coragem e visão", e outros de igual calibre, devem ser usados em profusão.

Essa é a receita, em linhas gerais. É sem dúvida incompleta, pois muitos detalhes e mesmo pontos essenciais estão faltando. Mesmo porque a cobertura do caso todo, em amplitude e profundidade, exigiria um verdadeiro tratado, e não uma simples receita. Uma última informação não deve ser omitida: o esquema não é para qualquer um. Só é indicado para pessoas despidas de preconceitos morais e que apresentem, em altíssimo grau, as características do atrevimento e do cinismo.

Missão impossível

Diatribes? Assacadilhas? Aleivosias? De jeito nenhum.

Comentar o encontro dos jornalistas do interior, que teve a participação do intemorato Afrânio Bardari representando Jundiá? Mas isso só interessa a jornalistas. Nosso negócio é o leitor, não é? Então, vamos arrumar um assunto para que ele aproveite bem os dois cruzinhos investidos neste jornaleco que a turma da numerada coberta insiste em chamar de segunda classe.

A epidemia de sarna baiana também não seria um bom assunto. Primeiro, porque, segundo grandes anúncios publicados em nossos jornais diários, Jundiá pode se orgulhar de ter hoje um dos melhores atendimentos médicos de todo o País, "graças à administração Ibis Cruz" (Pró INPS nada?); segundo, porque essa epidemia está atacando muito longe daqui: é lá em Gurupi, Goiás, segundo notícia do vibrante jornal "A Voz de Gurupi" (o slogan deles é: "Estamos de olho!").

Avenida Nove de Julho? Só comento se me pagarem mais que os outros colaboradores deste jornaleco. Tem mais: o comentário deve sair em três capítulos, no mínimo, com uma festinha no dia de cada publicação.

Tem que ser um assunto mais local. Assinantes que aniversariam, entronização do crucifixo na Secretaria dos Negócios Internos e Jurídicos da Prefeitura, a vitória da citologia sobre o câncer (nem temos o resultado final, escalões, gols...), o Vanderley telefonando para o repórter do JC ("Que coisa, hein, presidente? Fiquei surpreso e até ia procurá-lo"), homenagem aos bicampeões do basquete, acidentes, colisão em Várzea Paulista... não, nada disso, os jornais diários já deram.

É, mas o leitor está aí, esperando um assunto. Como é que ficamos?

Rodoviária? Seria um bom assunto. Dizem que, embora esteja pagando a taxa de manutenção, o passageiro que embarca e desembarca diariamente na cidade não tem nenhuma retribuição por parte dos administradores da estação, "que se encontra em precárias condições, sobretudo no que se refere às suas instalações sanitárias".

Também não interessa aos jundiáenses: essa estação rodoviária tão malhada é a de Ceres, Goiás (deu no *Jornal do Vale*, daquela progressista cidade goiana).

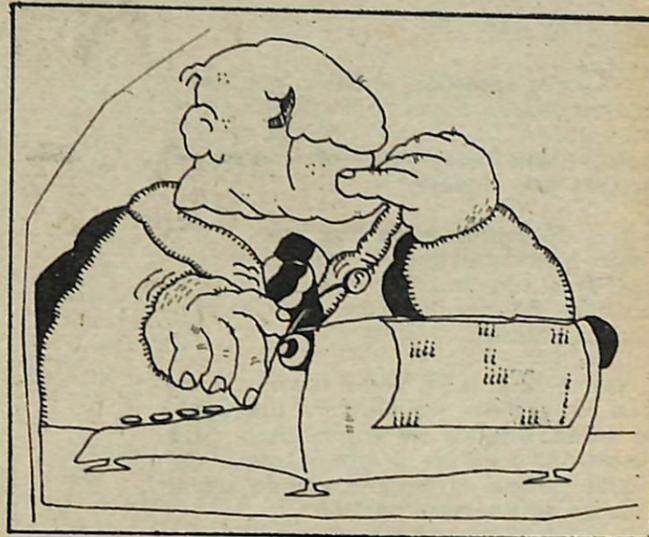
Malhar o Ibis? Coitado, já anda tão por baixo que nem vale a pena: só perde de seis, oito, dez a zero, pra que tripudiar ainda mais sobre esse pobre time pernambucano que só faz frente ao Santo Amaro? Corinthians? Pior ainda: se elogio, o Zezinho fotógrafo vai dizer que ando "secando" o time dele; se falo mal, vai me chamar de "malcriado". Não, com o Corinthians não se brinca. (Mas que está uma lástima está: na semana passada, joguei triplo e quase erre no jogo 13).

Buracos na rua do Retiro? Pode ser que antes da publicação destas linhas o pessoal do "comando tapa-buraco" apareça por lá e esgote o assunto. Afinal, isto aqui é um semanário.

E a "Odisséia de um prefeito interiorano", será que atrairá a atenção de nossos prezados leitores?

É difícil: esse prefeito que conta sua "odisséia" — reclama das "evasivas aos pedidos concretos" — é de outra cidade longe daqui, Porto Nacional, também em Goiás.

Na verdade, esta pilha de jornais ao meu lado não interessa para nada. (Até o meu açogueiro anda entusiasmado com as técnicas de *marketing*: só embrulha carne com os jornais do dia).



E o novo semanário que, dizem, está para sair? Ou será este que passará a diário? Não, aí também seria arriscado, seria preciso conseguir informações mais detalhadas a respeito.

Especulações sobre as próximas eleições municipais? Também não, não sou muito bem informado sobre essas coisas. Mas o Giarola me deu boas dicas...

Teatro, discos, cinema, boccie, malas, numismática, paleontologia, columbofilia, tudo isso não é da minha alçada (palavrinha feia...). Filatelia também não dá, não sou muito ligado nisso. Mas o novo selo das Ilhas Tokelau está uma beleza. Acupuntura? Eu, falar de acupuntura? Seria o fim da picada...

Também não dá para falar do *Zinjanthropus Boisei*, nem do *Ramapithecus* e muito menos do *Sinanthropus Pekinensis*. Não, não tenho o menor conhecimento a respeito de Normandos e Plantagenetas.

Infelizmente, não vai dar mesmo. Arrumem outro. Não tenho competência para substituir o solerte Sandro Vaia, que anda curtindo uma pinga com caju lá em Belém. Perdores, leitão.

A. FERNANDES

PERCIVAL DE SOUZA

I

Agora que a população terrestre chegou aos 4 bilhões, as teorias de Malthus, inglês falecido em 1834, voltaram a ser debatidas — por alguns até com certa intensidade. Segundo o reverendo Thomas Robert Malthus, a população do mundo cresce geométrica, enquanto a produção de alimentos cresce moderada série aritmética.

Os neomalthusianos estabelecem facilmente um paralelo entre as teorias do inglês e a criminalidade em nossos dias. É desumano — aqui, prefiro seguir o raciocínio do criminólogo Wertham — fadas oelas. \$UEM z. ò, po ETAO ETAOE lar da procriação de pessoas, relacionando o fato (ou não) com problemas criminológicos. Aliás, algumas pessoas ditam normas ao falar de seres humanos como estivessem se referindo às atividades de um galinheiro ou, então, dissertando sobre o comportamento dos coelhos.

Alguns chegam a equacionar da maneira simplista e, na pobreza de seu raciocínio, consideram elementar: a pobreza é igual ao supérfluo, o supérfluo é igual ao crime. A consequência é o castigo. Ou seja: você pode ter o direito de existir, mas não o direito de procriar.

Parece-me também que, nos tempos presentes, se alguém tiver autoridade suficiente para nos dizer que não temos o direito de procriar, poderá nos dizer, a curto prazo, que também não temos o direito de viver...

Como perguntaria Alexander "Gulag" Solzhenitzin: se para viver é preciso não viver... então, para quê?

Alguém soube resumir muito sabiamente a doutrina do "economês" (a praga é antiga...) Malthus: "os pobres não têm direito de viver mais do que lhes é permitido pelos ricos". Aos simplistas, seria bom observar que a teoria da superpopulação, como diria ainda Wertham, "presta-se ao abuso como justificativa para deixar gente morrer e para a violência oculta".

Por isso mesmo, já houve quem dissesse que preferia ser condenado ao inferno, com Platão, a ir para o céu, em companhia de Malthus.

II

Relacionando superpopulação e pobreza como únicos fatores responsáveis pelos aumentos dos índices de criminalidade, muita gente se esquece de que muitos crimes são racionais, e não irracionais. Muitas vezes, a pura ganância obscurece tudo. Ela leva diretamente à crueldade e ao sangue frio.

Tais teorias, citadas nos estudos dos problemas de criminologia, se ajustaram como uma luva noca so do sequestro do menino Gustavo Aoki, descoberto pela Polícia de São Paulo num matagal mato-grossense, dezoito dias após ter sido levado da casa de seus pais, em Dracena.

Os planos imaginativos, o resgate estipulado em 4 milhões de cruzeiros, as peregrinações por cidades de São Paulo,

Mato Grosso, Goiás e terras paraguaias. Isso exigiu, por parte da Polícia Civil de São Paulo — no caso, o DEOPS — uma mobilização e um estilo de trabalho que nada ficou devendo ao Kojak da tevê.

(Aliás, deve-se observar que as investigações dos policiais da Capital foram essenciais para a prisão dos sequestradores e o resgate do menino. Afinal, em Dracena — de onde o menino foi levado, por volta das 3 horas da madrugada do dia 21 de março — acreditou-se que a sequestradora disfarçada de babá fosse um homossexual...).

Quanto aos sequestradores — cinco homens e uma mulher: quatro irmãos, a amante de um deles, e um primo — não eram figuras paupérrimas. Pelo contrário: a moça, por exemplo, era estudante de pedagogia e coordenadora do Mobra em Cáceres, MT, e seu companheiro — Nelson Cafure — possuía um hotel em Bela Vista, além de fazer transporte por caminhões, chegando a ser frotista.

A Polícia de São Paulo gastou cerca de 300 mil cruzeiros somente no aluguel de aviões — sem contar os que foram cedidos pela FAB — e precisou contar com o apoio do Exército, sinal de que os sequestradores foram bem imaginativos em uma complicada trajetória do sequestro.

Uma criança por 4 milhões de cruzeiros... certamente, quem afirmar que ganância excessiva é sintoma de doença mental não conhece anossa sociedade. Poderá ter lido Freud, mas esqueceu-se completamente de Balzac.

Plantão

Bonassi, Zillo

antes da lavagem

"Como vereador, entendo que tenho compromisso apenas com o povo que represento. (...) Não poderia mesmo aprovar mais esse projeto enviado às pressas pelo prefeito".

"... só com a verba dos juros e correção monetária que se vai pagar realizar-se-ia tranquilamente as obras pretendidas. Só que não com tanta e inexplicada pressa".

"Como poderia eu votar favoravelmente a um projeto que visava a liberação de verba, oriunda de empréstimo, para custear a execução de obras que a Comissão de que participei concluiu serem danosas ao interesse público".

Estes três pronunciamentos foram feitos no dia 8 de dezembro de 1974, ao "Jornal de Jundiá", por tres vereadores que votaram contra o empréstimo de Cr\$ 120.000.000,00 pedido pelo prefeito para a construção da Avenida Córrego do Mato, projeto que acabou sendo aprovado com o voto de Minerva do então presidente da Câmara Municipal, vereador Henrique Victório Franco.

Passados 16 meses, esses três mesmos homens públicos aprovaram, na sessão da Câmara do dia 14 de abril de 1976, mais Cr\$ 14.700.000,00 para complementação das obras do sistema viário, das quais a Córrego do Mato fazia parte.

O nome deles: José Silvio Bonassi, o que tinha compromisso apenas com o povo; Elio Zillo, o que tinha dez razões para ser contra; e Adoniro José Moreira, o advogado-membro da Comissão cujo parecer foi desfavorável ao empréstimo de 120 milhões de cruzeiros.

Tudo quanto eles disseram no "Jornal de Jundiá" do dia 8 de dezembro de 1974 vai transcrito abaixo.

Cabe ao leitor conferir seus pronunciamentos e julgar a espécie de homens que está usando o mandato popular para mudar idéias.

Queremos, apenas, acrescentar que esses três vereadores depois da entrevista ao "Jornal de Jundiá" (que àquela época fazia oposição cerrada ao prefeito), votaram a favor de mais três empréstimos — de 100 milhões, de 70 milhões e demais 70 milhões — que hoje elevam a dívida do município a Cr\$ 374.000.000,00. Dívida que você, leitor, irá pagar em forma de impostos.

BONASSI, O HOMEM DO COMPROMISSO

Sob o título "Bonassi: compromisso com o povo", o "Jornal de Jundiá" trazia a seguinte entrevista com o vereador José Silvio Bonassi:

"Como vereador, entendo que tenho compromisso apenas com o povo que represento" — inicia José Silvio Bonassi a justificativa para o voto contrário ao projeto do empréstimo".

— Quando me preparo para tomar uma decisão, dando ou negando meu voto — prossegue — penso numa porção de coisas. Penso em minha cidade, penso na comunidade em que trabalho e que devo honrar, penso na minha família que é depositária de minhas atitudes e herdeira de meu nome. Por isso não entendo outra maneira de votar. Não entendo o voto sob pressão psicológica, ou de outro tipo qualquer, que não seja independente. Por isso tenho votado favoravelmente em inúmeros projetos do prefeito e por isso não poderia votar no projeto de empréstimo.

"Sou, por circunstâncias, presidente de uma Comissão especial de investigação, instituída na Câmara para examinar documento encaminhado pela Execu-

tiva da Arena local. O documento refere-se a um relatório, onde técnicos que muito respeitamos informam ser o contrato para execução do plano viário lesivo à economia municipal por ser contrário ao interesse público. São informações que devem ser levadas a sério e examinadas convenientemente. Se assim não o fosse, daí sim, o Legislativo não teria razão de existir, pois que, de tantas funções que tinha, só lhe resta a de fiscalizar os atos do Executivo.

"Ora, se a Comissão ainda não teve acesso aos documentos dos estudos, da concorrência e do contrato, bem como das despesas realizadas, porque o Tribunal de Contas do Estado requisitou também, para exame, os mesmos documentos, não só este vereador, mas nenhum dos membros da Comissão tinha condições de, em sã consciência, votar favoravelmente. Como membros da Comissão temos um mandato a cumprir e se fôssemos favoráveis em nossa atitude não teríamos sido menos que irresponsáveis e levianos.

"Pelas mesmas razões, foi que entendi necessária a emenda ao orçamento, que foi aprovada pela Câmara sem maior oposição.

"No mesmo caso, como autor da emenda, não poderia dar meu referendado à autorização para o empréstimo constatando que seu projeto deixava entrever que a soma dos juros e correção monetária já seriam suficientes para se realizar as obras. Não poderia mesmo aprovar mais esse projeto enviado às pressas pelo prefeito".

ZILLO TINHA DEZ RAZÕES

Na mesma data em que José Silvio Bonassi dava lições de compromissos com o povo, a cidade e a sua família, o vereador Elio Zillo falava ao "Jornal de Jundiá" suas dez razões para votar contra o prefeito e seu empréstimo lesivo aos interesses de Jundiá.

"Das dez razões de Zillo, uma só já, seria suficiente", era o título-julgamento, que o jornal dava à entrevista com Zillo, cuja íntegra transcrevemos:

"O vereador Elio Zillo alinha dez razões pelas quais não pode votar a favor da autorização de empréstimo:

1.o) Pressa, não bem fundamentada, para a votação do projeto.

2.o) Os custos altíssimos da Córrego do Mato.

3.o) A opinião dos técnicos segundo a qual não era essa a obra prioritária dos sistema viário.

4.o) A informação contida no relatório elaborado a pedido da Arena local sobre a concorrência realizada para contratação dessas obras e a requisição pelo Tribunal de Contas desse mesmo processo. Como líder da bancada arenista, também ele após sua assinatura no relatório referido.

5.o) Com toda documentação em poder do Tribunal de Contas e ainda sem uma definição desse órgão, não podia existir segurança para liberação de um empréstimo que visasse a financiar justamente as obras referidas naqueles processos.

6.o) Qualquer pessoa de bom senso sabe que a primeira necessidade de Jundiá não é uma grande e majestosa avenida, mas sim o saneamento básico: redes de água, redes de esgoto, calçamento, iluminação pública, etc.

7.o) As informações controvertidas sobre o cronograma de execução do sistema viário e especialmente da avenida

Mais dívidas - Cl

Parece incrível, mas o fato absurdo e revoltante já se transformou em triste rotina: na sessão de 14 último, a Câmara de Vereadores, dominada pela famosa "maioria alinhada", autorizou o prefeito insaciável a realizar mais uma operação de crédito com o Banco do Brasil, no montante de Cr\$ 14,7 milhões, para "complementação de obras do Sistema Viário". Mais dinheiro para ser gasto, de forma imoral, no contrato lesivo ao patrimônio público.

Embora constitua cansativa repetição, apresentamos aos nossos leitores a relação dos vereadores com os respectivos votos. Só para conferir, mais uma vez, os nomes da "maioria alinhada" que vem dando sustento e proteção aos desmandos e aos descabimentos da atual administração do município.

Nesta ocasião, vale a pena lembrar uma outra sessão, dramática, da nossa pobre Câmara. Aquela da fatídica noite de 4 de dezembro de 1974, quando foi votado o primeiro empréstimo, de Cr\$ 120 milhões. Naquela altura, o Legislativo não era ainda um órgão impotente, submetido à vontade e aos caprichos do alcaide prepotente e poderoso. Alguns vereadores, hoje inteiramente "alinhados", aparentavam uma corajosa independência e exibiam sua reação contra os atos tão criticados do prefeito. Era o caso de Adoniro Moreira, Elio Zillo e José Bonassi, que eram contrários ao empréstimo. Mas um outro vereador, que também era contra, nesse dia se "alinhou": Antonio Tavares. Este moço participou da comissão que examinou o contrato com a Gutierrez e concluiu pela extrema lesividade de tal negócio para o patrimônio municipal. Mas naquela noite de 4 de dezembro, seu voto foi uma bomba inesperada. Ele aprovou o endividamento violento, para ser aplicado no negócio lesivo. Com isso, garantiu um empate na votação, cabendo a decisão ao presidente da Câmara, com seu voto de Minerva. E, infelizmente, o presidente era o edil Henrique Franco, que deu ao prefeito

o e Adoniro, em. Cerebral.

Córrego do Mato. O contrato firmado pela prefeitura foi para todo o sistema viário ficar pronto em 720 dias e até agora não foi dito sequer quando realmente a avenida Córrego do Mato ficará pronta, só ela.

8.o) Considerando que só a avenida Córrego do Mato vai custar aos cofres públicos 74 milhões, como poderá se realizar todas as demais obras do sistema viário — Radial Leste, Marginal do Rio Guapeva, etc.

9.o) Fazendo um cálculo de juros a 10% e correção monetária na base dos 20% (conforme previsão para 1975), tem-se um custo de 30% ao ano, para o di-

neiro a ser tomado. Sendo o montante deste 120 milhões, tem-se que o custo anual é de 36 milhões. Um preço muito alto, se bem que legal e de rotina nos financiamentos.

10.o) Tendo em vista o exposto no item anterior, só o cálculo do custo do dinheiro é razão suficiente para a rejeição do projeto. Pois, só com a verba dos juros e correção monetária que se vai pagar realizar-se-ia tranquilamente as obras pretendidas. Só que não com tanta e inexplicada pressa”.

Toda a lógica do vereador Elio Zillo ao negar seu voto ao empréstimo de 120 milhões durou pouco: a partir de um puxão de orelhas que quase lhe valeu a perda da liderança arenista, Zillo alinhou-se aos demais submissos e votou favoravelmente a todos os outros empréstimos.

Vale a pena transcrever a carta do prefeito Ibis Cruz, dirigida ao então presidente da Executiva da Arena Jundiaíense, Duílio Buzanelli, na qual o alcaide “aguarda providências cabíveis” para a punição do rebelde Elio Zillo, hoje comportadíssimo.

É o seguinte o teor da carta do prefeito a Buzanelli:

“Participamos a V.Sa. nosso total desagrado pela conduta do nobre vereador Elio Zillo, na liderança da bancada de nosso partido político na Câmara Municipal de Jundiaí.

“Há tempos, vimos observando que a atuação do referido edil na posição de destaque e de alta responsabilidade que vem ocupando, tem sido das mais infelizes.

“Em decorrência disso, a Pública Administração vem sentindo reflexos negativos.

“Assim, tomamos a liberdade de solicitar a destituição do vereador declinado da função de líder, devendo, em decorrência, ser escolhido substituto à altura das grandes responsabilidades advindas do cargo e que comungue com os verdadeiros ideais do nosso partido.

“Aguardando as providências cabíveis por parte de V. Sa., de modo que sejamos atendidos, na pretensão, renovamos...” etc., etc.”.

Quem assina é o prefeito Ibis Cruz, que não precisou de outra atitude: a carta assustou convenientemente Elio Zillo, o homem das dez razões contra. A partir daí, a paz reinou na liderança da Arena e o vereador conscientizou-se da sua função de “yes man” do prefeito.

O COERENTE ADONIRO. COERENTE?

A edição do dia 8.12.74 do “Jornal de Jundiaí” saiu repleta de bravatas e de manifestações altas e nobres dos valentes vereadores.

Logo abaixo das dez razões de Zillo, o jornal trazia as palavras de Adoniro

José Moreira, a quem a História, se fosse desmemoriada, chamaria de “O Coerente”. Vejamos o que dizia a reportagem com Adoniro:

“Tendo sido membro (advogado) da Comissão constituída pela Arena para analisar o processo da Concorrência Pública n.o 66/67, em cujo relatório constou seu parecer, e tendo posteriormente sido designado pelo presidente da Mesa da Câmara Municipal para integrar a Comissão de Inquérito que apura a denúncia de irregularidades na mesma Concorrência Pública, tomando por base o mesmo relatório apresentado à Comissão Executiva da Arena, o vereador Adoniro José Moreira achou-se “diante de uma questão de coerência”, como explica:

Como poderia eu votar favoravelmente a um projeto que visava a liberação de verba, oriunda de empréstimo, para custear a execução de obras que a Comissão de que participei concluiu serem danosas ao interesse público? Ainda mais considerando que o mesmo processo da concorrência que analisamos encontra-se hoje em poder do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo para ser analisado quanto às dúvidas levantadas por aquela Comissão pelo Relatório local da Arena”.

“Adoniro faz restrições, também, à urgência que o prefeito quis dar à apreciação da matéria, a ponto de convocar uma sessão extraordinária para que ela fosse discutida em 48 horas. “A urgência do Sr. Alcaide foi meramente subjetiva.

Não se justificou de forma alguma a convocação daquela extraordinária e muito menos a continuidade da discussão do projeto na sessão ordinária de quarta-feira; quando muito, deveria ele ser discutido em outra sessão extraordinária, pois não existia mesmo urgência no caso”.

“Concluindo, disse Adoniro:

“Esta foi a nossa posição. E dentro da lógica e da coerência não poderia ter sido outra, a não ser rejeitar tal proposição. Não aceitamos, por isso, as alevisias dirigidas contra nós pelo outro órgão da imprensa da cidade” (N. R.: tratava-se do “Jornal da Cidade”, ele sim, coerente na posição servil ao prefeito, desde sua posse), “que repetidamente vem procurando agredir os vereadores que realmente fiscalizam os atos do Sr. Alcaide, função esta exclusiva do Poder Legislativo, ao qual pertencemos. Digo, ainda mais, que daqui para frente, iremos intensificar a nossa fiscalização, pois, tenho certeza, que esse é o trabalho de um vereador e também o desejo de seus eleitores”.

Estas foram as palavras dos vereadores Bonassi, Zillo e Adoniro publicadas no “Jornal de Jundiaí” de 8 de dezembro de 1974.

Quem quiser saber o que resta delas, basta comparecer a qualquer sessão da Câmara de vereadores, numa quarta-feira qualquer, de preferência uma em que o prefeito esteja comandando mais um empréstimo. Tudo que se ouvirá será um monocórdico “Sim”. Que o “Jornal de Jundiaí” publicará, no dia seguinte, cercado de anúncios da Prefeitura Municipal, regamente pagos — conforme os compromissos, as razões e a coerência que a atual administração implantou nesta pobre terra.

14,7 milhões

Ibis Cruz os milhões que ele queria para dominar a cidade e transformá-la em império seu.

O vereador Antonio Tavares “contínuo alinhado”, todo importante na posição que ganhou na mesa da Câmara. O vereador Henrique Franco tem estado presente das sessões em que se discutem empréstimos para a prefeitura. Como se esta fuga abrandasse, de alguma forma, sua imensa responsabilidade sobre tudo o que vem acontecendo em Jundiaí. Quanto aos vereadores Adoniro, Zillo e Bonassi, vale a pena recordar as declarações que fizeram, na época, justificando suas posições. É a matéria que apresentamos hoje aos nossos leitores, para ser lida ao som de Chico Buarque: quem te viu, que te vê”.

CONTRA

Adoral Lins de Alencar
Aquilino Ferreira
José Rivelli
Ronel Corazzari
Romeu Zanini

FAVOR

Adoniro José Moreira
Antonio Tavares
Elmar Corrêa Dias
Elio Zillo
José Silvio Bonassi
Iszaro de Oliveira Dorta
Liz Lourenço Gonçalves
Ronaldo Giarola
Valdir Fernandes

ABSTEVE-SE

Rodrigo Oswaldo Beagin

ABSENTE

Henrique Victório Franco

PRESENTE

Carlos Ungaro

Higiene bucal: preocupação da "Semana Sorriso"



Dr. Bellini:
um semana de
motivação

A Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas-Regional de Jundiaí — promoveu este ano a 11.ª Semana Sorriso que se fez realizar entre os dias 19 e 24 últimos. Foram dadas palestras para os escolares de 1.ª a 4.ª série e os resultados acredita-se que sejam melhores que os do ano anterior. O nível foi baixado para um melhor entendimento das crianças.

Além de esclarecer os estudantes no sentido de manutenção de uma higiene bucal, os colaboradores ministraram palestras para

adultos na Sifco. Lá os pais foram orientados no sentido de criar este hábito em seus filhos.

A promoção foi aberta com uma palestra inaugural no salão nobre do Banco do Brasil, feita pelo Dr. Hamilton Bellini. Ele expôs a condição bucal das crianças de Jundiaí. Relatou ainda que os trabalhos realizados no ano passado, no Grupo Escolar Francisco Napoleão Maia, à exemplo de sucessos obtidos na Suécia, abrangiam o tratamento de 65 crianças das 129 que frequentavam aquele ano. esco-

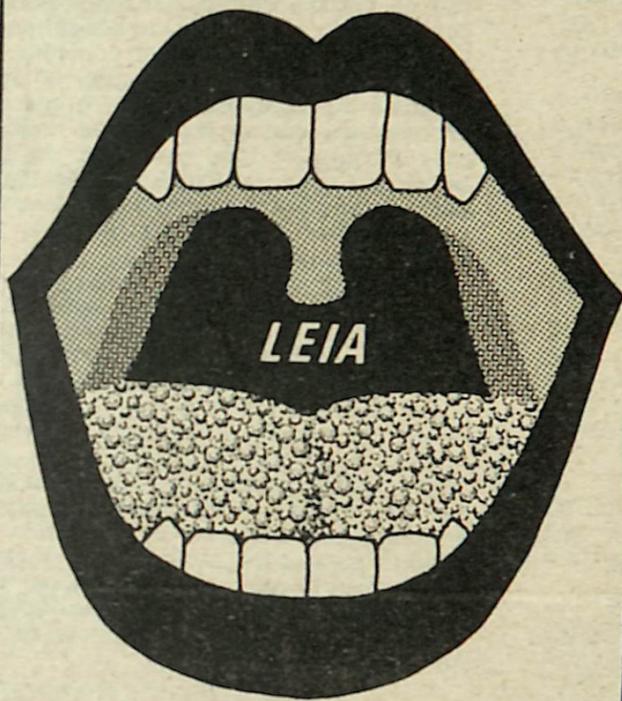
la foi escolhida justamente por oferecer consultório em condições de trabalho, boa vontade dos dirigentes e porque os alunos são de um nível sócio-econômico médio-baixo.

As crianças com idade média de sete anos, que foram observadas, possuíam 50% de dentes cariados. Foram tratadas 201 cavidades deixando-se 197. Constatou-se ainda que, destas cáries não tratadas, apenas uma criança foi ao dentista espontaneamente, na própria escola.

Os resultados não foram considerados satisfatórios no sentido conscientização, de se criar um hábito. Por isto, disse Dr. Hamilton Bellini «a Semana Sorriso não é uma meta, nem começo de algo, é uma semana de motivação, onde se pretende mobilizar crianças, autoridades e o público».

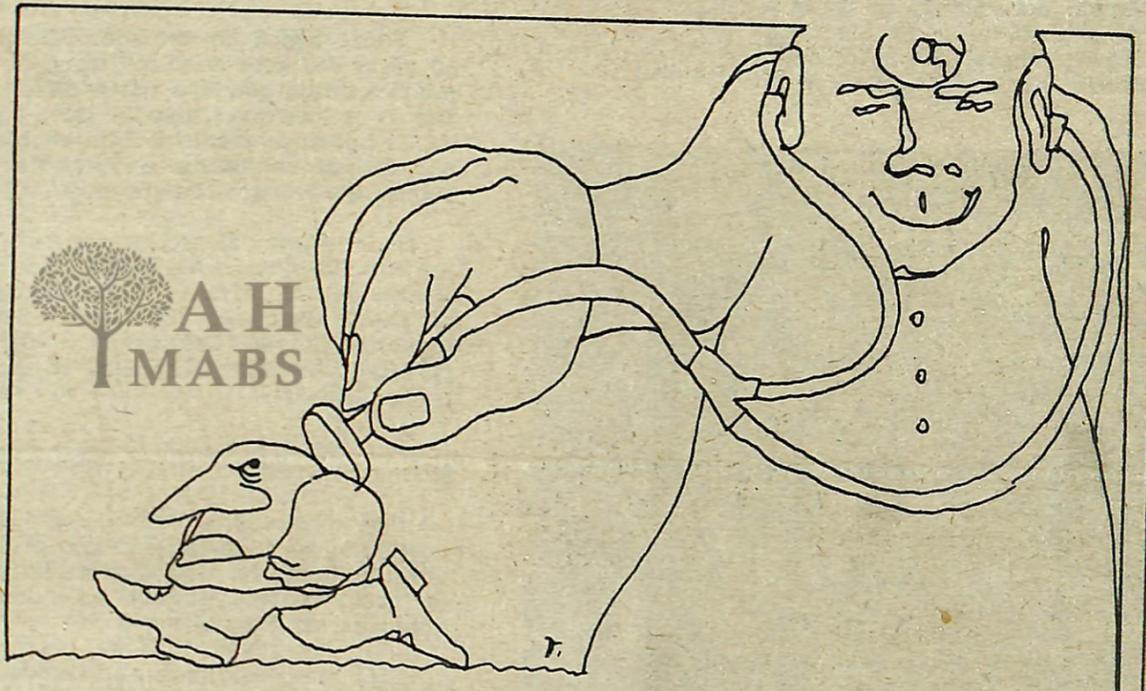
Uma grande conquista pretendida pelos dentistas da APCD local é a colocação de flúor na água que atingirá diretamente as crianças como medida de prevenção de cáries.

JORNAL DE 2ª



TODA 2ª FEIRA NAS BANCAS

CONFERINDO A SAÚDE



Em tres publicações, acintosas e debochadas, ainda mais por serem pagas, a Secretaria da Saúde, em franca campanha política de seu titular, faz uma série de informações facciosas.

Diz que o cidadão tem assistência de graça e esconde o nome de quem dá o dinheiro, como se tivéssemos em Jundiaí, no poder municipal, um milagreiro.

Não dá uma palavra ao INPS, que realmente está pagando tudo isso.

E o povo, por acaso está sendo atendido de graça? Não senhores, o povo paga contribuição ao INPS e, portanto, não está sendo atendido de graça, nem no pronto-socorro, nem nas unidades de saúde. Está se utilizando de um direito. E os que não contribuem estão sendo atendidos por conta do INPS, do Governo Federal. Por que esconder?

Por que menosprezar os méritos da administração anterior, que proporcionou a instalação do Hospital Municipal e do Pronto Socorro?

Por que dar tal tratamento a esse verdadeiro monumento da sociedade jundiense que se chama Dr. Jaime Rodrigues? Por que?

Por que não dizer que os aparelhos conseguidos por ele foram deixados, pela atual administração, por mais de 2 anos mofando no depósito, sem prestar serviços ao povo? Por que?

Vamos tirar a máscara, porque é tempo de conferir. E nós vamos conferir.

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE
OS
PREÇOS
SÃO
SEMPRE
OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 - FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL



revendedor autorizado
em Jundiaí:

COMERCIAL

PANIZZA
LTDA.

BARÃO-427
FONE: 6-8231

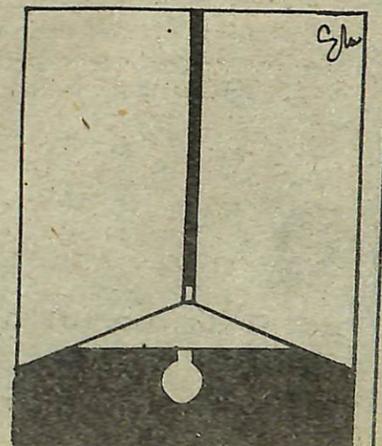
FOTOCOPIADORA MALTONI

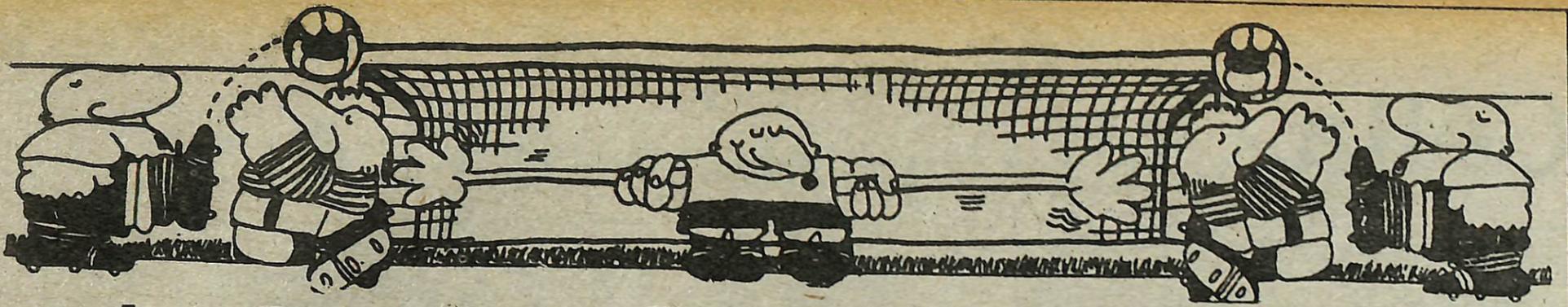


TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX
DA CIDADE

Rosário, 618

Fone - 6-8460





Luis Fernando no Placar.

A revista Placar número 315 publica uma boa reportagem com o goleiro Luiz Fernando, ex-paulista de Jundiaí, no Náutico desde 1973.

Luiz Fernando, 26 anos, lembra uma passagem que merece ser transcrita aqui. Foi quando ele jogava no Clube do Remo, de Belém do Pará: emprestado por cinco meses, pelo Paulista, durante o brasileiro de 1972. (foi levado pelo técnico João Avelino), ele não pode jogar logo "de cara", por causa de problemas referentes à documentação; aí entrou Dico, revelado no próprio Clube do Remo.

— Depois que fiquei regularizado - conta Luiz Fernando Calore, Avelino queria me lançar. Eu mesmo falei

com ele que não era justo tirar o outro do time. Achei que não era correto. Dico não estava jogando bem? Então, só pelo fato de eu ter vindo de São Paulo aceitaria a barração de um companheiro que estava - e muito bem! dando conta do recado?

No Náutico, ele também ficou um bom tempo na reserva mas, com a venda de Neneca ao Guarani, passou a titular absoluto.

Por isso mesmo, o título da reportagem é "O goleiro bom-carater". São duas páginas, quem quiser ler o resto deve encontrar o Placar da semana passada nas duas distribuidoras de jornais e revistas da cidade - a do Eduardo, Efigenio e companhia, na Senador, e a do Sianga & Sisti, na Vigário.

HOTELZINHO RUIM, ESSE DE PARIS

Quem contou foi o diretor da TV-Record, Edson Leite, mas ele não disse o nome do jogador:

"Um atleta da seleção brasileira, em sua primeira manhã em Paris, pediu à telefonista do hotel:

— Mande trazer café com pão e manteiga ao quarto 32.

A telefonista, uma francesa, respondeu:

— Je ne comprend pas.

Nosso atleta desligou o telefone e disse ao companheiro de quarto:



—Hotel mais atrapalhado esse... a esta hora da manhã ainda não compraram pão".

Domingos, o que recuou no dia do primeiro treino.

O quarto-zagueiro Domingos, já apontado como uma das revelações do Campeonato deste ano, veio do juvenil do Corinthians pensando em fazer gols pelo Paulista. No entanto, acabou mudando de idéia: hoje, é especialista em salvar gols.

É que ele era centroavante quando veio treinar aqui pela primeira vez. Chegou tinha vaga de quarto-zagueiro, fez o teste e deu sorte.

Voltar a jogar no ataque? Ele não pensa mais nisso. Mas bem que ficaria aliviado se o ataque jogasse um pouco mais:

—Quando o ataque não funciona, a defesa fica sobrecarregada, nosso trabalho é dobrado.

Ainda sobre o Luiz Fernando: o correspondente do *Jornal da Tarde* no Recife Antonio Portela, torcedor "fanático", é um dos incentivadores do rapaz desde quando ele chegou a Pernambuco. Sua única queixa:

— Fico bronqueado quando ele me chama de "senhor". Será que ele pensa que eu sou velho por causa da barba?

O senhor tem razão, seu Antonio.

Dario no Corinthians: Bem que Romeu gostaria.

Aliás, frases que se tornaram folclóricas é o que não falta ao "Dadá Maravilha", como é carinhosamente chamado pela torcida do Sport. A mais famosa, ao responder à pergunta de um reporter:

—Problemática? Não me venha com isso, meu negócio é solucionática.

Mais quatro frases do recordista mundial de gols por atacado:

—Se o gol é a vida, eu sou a vida, porque a vida é o gol.

—Futebol é feito do que se faz.

—Vou jogar até a idade de Cristo. Até 33 anos. O feijão da minha mulher e de minha duas filhas já esta garantido. Daqui para a frente vou defender o arroz.

—Não há nome nem sobrenome, nem subida nem descida. Pego o inimigo na curva.

—Quando jogava no Atlético, ia até a linha de fundo e cruzava sem olhar. Já sabia onde estava o Dario. E não dava outra.

O ponta-esquerda Romeu do Corinthians, lembra com tanto entusiasmo de seus tempos ao lado de Dario, no Atlético Mineiro, que até faz o torcedor sonhar: já imaginaram Dario no ataque do Corinthians, com Vaguinho na direita e Romeu na esquerda?

Quando ele foi para o Sport Club Recife, pouca gente acreditava numa recuperação sua, achavam-no acabado para o futebol. No entanto, é o maior artilheiro dos campeonatos regionais, com quase trinta gols no campeonato pernambucano deste ano. Só no Santo Amaro, bateu o recorde mundial de gols em apenas uma partida: 10. Ele ainda achou pouco:

—O Santo Amaro teve sorte porque naquele dia eu ainda não estava no meu peso normal.

Nem 1955, nem... nem 1976.

boutique

Bymboka

rua 455

fone 4 2833

Por Guido

RESTAURANTE Wyskeria

Carnes "Santa Gertrudes" Chopp-Claro e Escuro

Aguarda a sua visita Rosario, 670 - fone 4-3201

Foi só falar que «este será o ano do Corinthians» e o time do Parque São Jorge perdeu em pleno Pacaembu para o Noroeste; depois veio a derrota para o Londrina e o empate em Ribeirão, onde, segundo os locutores mais moderados, «o timão escapou de uma goleada» (como é que é, Cassiano? Por pouco não calu a cidadela de Tobias...).

Dá até para comparar o Corinthians ao corredor brasileiro na São Silvestre: dispara no começo mas, quando tem que passar pelo Mourumbi, Canindé, rua das Palmeiras...

Célia

DISCO

Toquinho/Vinícios é um precioso album contendo um long-play onde o Vininha como é chamado carinhosamente pelos amigos - em dueto com Toquinho, interpreta várias músicas de autoria de Vinícios de Moraes com parceria de Toquinho, outras compostas apenas pelo poeta, e, uma série de outras assinadas por vários compositores, como, por exemplo, Raul Sampaio e Benil Santos.

Vinícios/Toquinho é uma audição bastante eclética, para o que também concorre uma das faixas, onde V.M. declama um trecho do Poema da Separação, obra poética constante de seu Livro de Sonetos.

Meu pranto rolou, interpretada por Vinícios de

Moraes e Toquinho, foi composta por Raul Sampaio e Benil Santos; **Pedro, Meu Filho**, é um poema declamado por V.M. e, trata-se de uma obra poética literária homônima, constante de sua **Antologia Poética**; em outra faixa, o poeta declama um trecho do seu poema, **A Conjunção da Ausente**; **O Filho que eu quero ter**, composição de Toquinho & Vinícios, também é interpretado em dueto pela famosa dupla.

Essas e outras atrações originais pela forma e inéditas na maneira de se fazerem ouvir e sentir, fazem desse **Toquinho/Vinícios** um album feito pela Philips para ficar na história.

Para essa realização, Toquinho foi cedido pela RGE,



Mutinho foi convidado para uma participação especial na faixa 1 do lado A, Fernando Faro funcionou como diretor e produtor, Neusinh Braga colaborou como Assist. de Direção, tendo a técnica de gravação ficado a cargo de Francisco Luiz Russo.

Essa transa toda pode ser curtida a vida toda por Cr\$ 53,00, no caso de você comprar o disco.

LIVRO

Chico Buarque e Paulo Pontes reuniram seus respectivos talentos, sensibilidade, imaginação e outras bossas qualitativas, armaram-se de bastante brasilidade carioca e, juntos, transformaram o clássico grego, **Medéia**, de Eurípedes, numa tragédia tipicamente brasílica, palavra que acabo de inventar, significando, é óbvio, brasileira e carioca. E, nessa tragédia, na passagem da Grécia para o Rio de Janeiro, a história ganhou ricos e pobres, macumbeiros, sambistas, compositores, bicheiros, e, outras figuras típicas do dia-a-dia carioca.

Com a adaptação brasílica do clássico de Eurípedes, **Medéia** assume o nome e a personagem de Joana, a qual reside num apartamento de conjunto habitacional. Quanto a Jasão, embora permaneça Jasão mesmo, passa para a pele de um sambista-compositor, homem de Joana e, pais de seus filhos. Quanto a Creonte, Creonte continua, só que, de **Rei de Corinto**, é destronado para viver um rico bicheiro. Além disso, na tragédia brasileira, há os personagens de nome Alma, Corina, Egeu, bem como, seus vizinhos.

Troando alguns nomes mudando o cenário da Grécia para o Rio de Janeiro, mudando a função, a profissão, a personalidade e a vida de

GOTA D'ÁGUA

PEÇA DE
CHICO PAULO
BUARQUE PONTES



CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

cada personagem, mas usando os mesmos ingredientes para desenvolver a trama, amor, sofrimento, ciúme, lágrimas, ódio, vingança, fuga, abandono, suicídio e outros sentimentos e atitudes humanas, Chico Buarque e Paulo Pontes conseguiram, de maneira poética, uma bela versão carioca da tragédia grega.

Gota D'Água, o livro, foi editado pela Civilização Brasileira, tem 168 páginas e custa Cr.\$ 40,00. Para ver **Gota D'Água** no palco, esta chico-buarquemaniaca descolou Cr\$ 50,00, ou seja, 10 padros a mais do que o livro,

E, do palco, **Gota D'Água** veio o livro, como um teatro em versos, feito com a indisfarçável e louvável intenção de devolver a vida brasileira ao público brasileiro.

FILME



UM LANCE NO ESCURO

Arthur Penn, diretor de um "Um Lance no escuro" programa atual do cine Belas Artes (na Sala Portinari), a respeito dessa obra, fez esta declaração aos jornais: "Fiz um filme típico da América pós-Watergate. Um filme sobre a busca da identidade e atitudes absurdas. Não me perguntem por que esta po aquela personagem fez isso ou aquilo. Afinal, ninguém sabe, até hoje, explicar direito por que Nixon se recusou a entregar as gravações. Desconfio que a América está acabando. Meu filme é um pouco sobre isso".

Dirigindo Gene Hackman, Suzan Clark, Jennifer Jonnes nos principais papéis, Arthur Penn conseguiu dar o seu Um Lance no Escuro, um clima de suspense que mantém o interesse dos espectadores do começo ao fim.

Gene Hackman, interpreta o papel de um detetive particular na busca de pistas na tentativa de localizar uma adolescente que fugiu de casa. Contudo, Harry Moseby, o detetive, graças às iscações de sua esposa, que, como bom detetive, ele havia descoberto, não tem a necessária cuca-fria para raciocinar

sobre como fazer a investigação de que estava incumbido.

Lance no Escuro, é uma trama que envolve, também contrabandos, fraudes, crime e outras falências morais. Adicionando a dose certa de erotismo a esses ingredientes. Arthur Penn conseguiu um filme muito bom e muito interessante, coisa que só é conseguida pelos grandes diretores, dos quais **Um Lance no Escuro** tem todas as características.

Não hesite em assistir.

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR
E ARMÁRIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM
DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 Tels. 6-4650 e 4-1489

**ASSINE
O JORNAL
DE 2ª**

Rua Senador Fonseca, 1044
Fone: 4-2759

Harry Laus, mais um milagre de Santa Catarina

Esta deve ser a hora e a vez de Harry Laus, 52 anos, crítico de arte desde os nove anos de idade, de mudança para Florianópolis, SC.

Tendo resolvido partir de vez, para desenvolver um projeto que em seguida desceveremos, sogreu a iniciativa dos pintores e artistas plásticos paulistanos que resolveram homenageá-lo com um ágape de despedida. Então iriam se cotizar e cada participante daria uma migalha para que se pudesse conjuntos, fazer um jantar de despedida. Tudo á postos, todos convidados aceitaram a regra do jogo, marcou-se a data, o local, a hora, definiu-se o menu e estavam quase aliviados, à espera. Antes da data prevista, o crítico Olney Cruse resolve se manifestar contra os organizadores da Bienal Nacional e escreve um forte manifesto. Ora, o que não faria o crítico Harry Laus senão adotar a tese do Olney. Foi e escreveu para os jornais seu pensamento e apoiou as idéias do colega Cruse. Foi quando a história do "rei morto, rei posto" voltou a funcionar. Ora, se o Laus vai embora, vamos aproveitar o "canto de cisne" dele e malhar. Saíram de tacape em punho e crucificaram o homem. Para começar, desmancharam a homenagem. Fica tudo sem efeito, foi a ordem do dia. Este homem não merece nossa consideração, outra ordem. E guardaram o seu (deles) rico dinheirinho para futuras homenagens para futuras despedidas ou mesmo possíveis galinhagens tão comuns nos meios artísticos da Paulicéia. Isto posto, deixaram o barco correr. Em campo, saiu Antonio Henrique do Amaral, o pintor das bananas, que defendeu o Laus com unhas e dentes. O jantar de despedida aconteceu, foi dado gratuitamente por uma amiga e lá mais uma vez foi discutida a tremenda força da obra crítica de Laus, da sua colaboração efetiva para o desenvolvimento das artes plásticas nacionais e sua divulgação nos exteriores tão paquerados pelo metier provinciano de S. Paulo. Valor este que dele, Laus, ninguém tira. Pode ser que queiram se esquecer disso, alguns, ou mesmo ignorar como ainda se faz com valo-

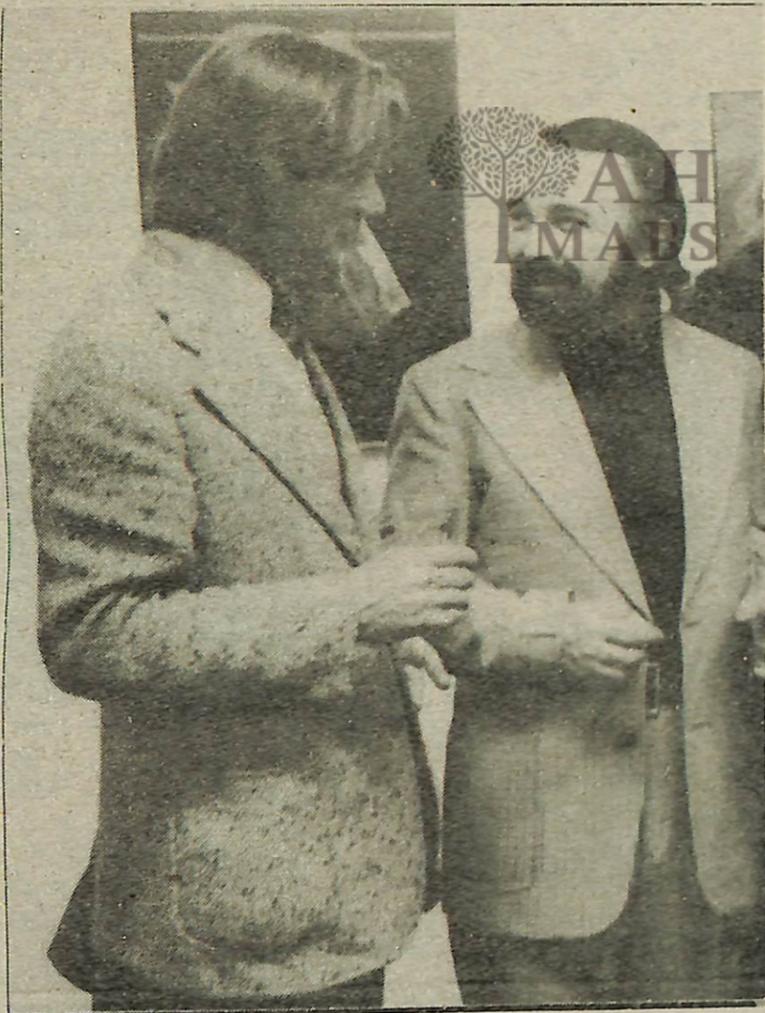
res vivoc, mas isto é mais um dado válido para a "cultura artística" da terrinha; onde, como pretendem, alterando os fatores que em alterações do produto. Claro que o Laus foi, e vejam o que ele vai fazer: 1) Fundar um Centro de Arte em Florianópolis. Isto fica, anotem aí, à rua Theofilo de Almeida s/n, na praia do Bom Abrigo, na capital catarinense. Este Centro terá as seguintes atividades: Galeria de Arte a ser inaugurada em Maio com uma exposição individual de Darci Penteadó, Biblioteca de Cpsulta Pública, especializada em Arte, Cinema, Teatro Infantil, Escolinha de Arte p/ crianças, Centro de Artesanato, com trabalhos de renda, Cerâmica palha, madeira e metal, isto para aproveitar de início a produção regional catarinense e das adjacências. Maiores considerações à respeito desta brusca mudança, estão todas contidas nas iniciativas anteriores que Laus empreendeu aqui em São Paulo. Este mesmo povo que aprendeu com ele aqui, hoje

crê que não tem mais nada a aprender. Ledo engano. Nós vamos à Santa Catarina. Nós aqui da terrinha estamos sugerindo para as companhias de ônibus de turismo locais façam parada obrigatória no Centro de Artes de Laus em Florianópolis. Nós aqui de Jundiáí, SP, imploramos junto às autoridades governamentais de Santa Catarina que apoiem o Laus e seu grupo. Eles costumam apresentar um serviço altamente valoroso, onde quer que eles aportem. Por favor, sr. Governador, preste atenção nisso. Aqui nós ainda não tivemos muita chance de reter o Laus, ainda que ele ame a cidade. Nós devemos ao Laus tudo, eu disse tudo que de arte já se apresentou nesta cidade. E foram longos naos de Encontros Jundiaenses de Artes e coisas e tal. Junto com ele vai para Santa Catarina também o Alberto Ruschel. Para os mais moços, Alberto Ruschel fez o filme mais badalados de toda a história do cinema brasileiro: "O Cangaceiro". Sem

maiores comentários. Vai também, compondo o grupo o teatrólogo Gonçalves de Oliveira. Para os não iniciados este último encenou entre outras, a Sapateira Prodigiosa, de Garcia Lorca, foi o diretor do Teatro Duse, do

embaixador Paschoal Carlos Magno e vai montar Sheakespeare para as criancinhas catarinenses logo de saída. Se isto não bastasse, declaramos: Cultura é coisa que se aprende. Gratos e boa-tarde.

EDUARDO



Harry Laus (esq.) e o pintor Inos Corradini.

DECIO DENARDI
desenhos - anúncios - logotipos - folhetos - cartazes

rua dos bandeirantes, 683 - fone 6-8066 - Jundiáí

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

JARDIM MORUMBI - nova, living (9 x 4), 3 dormitórios c/armário (1 tipo apto.), copa/cozinha, 2 banheiros sociais, dependências p/empregada, área de serviços, abrigo p/ 2 carros, jardim e quintal. Facilita-se. Oferta Ribeiro.

VILA LIBERDADE - nova, sala grande, 3 dormitórios c/armário (1 tipo suite), 2 banheiros sociais, copa/cozinha c/armário, área de serviços, dependências p/empregada, abrigo p/ 2 carros e jardim. Facilita-se. Oferta Ribeiro.

JARDIM BRASIL - living (8 x 6), lareira, solário, sala de jantar, copa/cozinha, 3 dormitórios c/armário e closed, 2 banheiros sociais; área de serviços, dependências p/empregada, depósito no quintal, garagem p/4 carros, aquecimento central, grande jardim e local p/ piscina. Terreno de 24 x 30 m. Facilita-se. Oferta Ribeiro.

SÍTIOS E CHACARAS

ESTRADA DE ITU - área de 12.000 m², contendo casa sede ótima, com 3 quartos, sendo um tipo apartamento, mais 2 banheiros, sala em L,

cozinha com armário, pia em aço inox, varanda, quarto de despejo, com poço e bomba elétrica, duas casas para caseiros, diversos pés de frutas, distante do asfalto 200 metros. Oferta: Recreio Lar.

CAXAMBU - Duas, com áreas de 9.000 e 5.6000 m². Ônibus na porta. Duas casas simples, 2 córregos. Lugar excelente, terreno plano. OCASIÃO. Oferta Ribeiro.

RIO ACIMA - Duas, com áreas de 40.000 e 84.000 m². A 1.a só c/mata grande e água corrente; a 2.a com mata, 2 córregos, casa simples, pomar e uva. Lugar pitoresco e recreativo. Oferta Ribeiro.

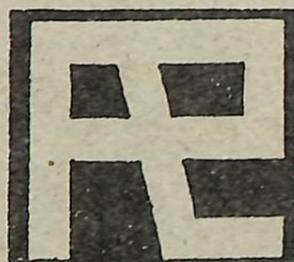
VÁRZEA PAULISTA - área de 4.500 m². contendo casa c/dormitório, sala, copa/cozinha, banheiro, poço, luz e pomar. Toda cercada de pilares. OPORTUNIDADE - 220 mil à vista ou c/facilidades. Oferta Ribeiro.

ANHANGABAÚ - área de 615 m², medindo 12,50 x 50 m de fundo, com duas casas médias, excelente localização. Oferta: Recreio Lar.

Área de 4.000 m², contendo casa sede ótima, com quarto, sala, cozinha, banheiro de empregada, toda cercada

com muro, piscina, pomar, poço com bomba elétrica e iluminação na entrada, distante do asfalto 200 metros. Oferta: Recreio Lar.

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI



Recreio Lar
Imóveis e Administração
Av. Jundiáí, 667
Fones 6.4108 - 6.5888

RIBEIRO IMÓVEIS
administração

e vendas

rua mal. deodoro da
fonseca, 479
tel. 6-6388

PALAVRAS

«Tem-se dito que a uma imprensa controlada pelo Estado é preferível imprensa nenhuma. É preciso dizer mais: uma imprensa subornada pelo Estado, onde a linha editorial é ditada dentro dos guichês do erário público, figura entre os piores tipos possíveis de corrupção pública, onde o adjetivo público cobre quer o agente, quer o objeto da corrupção. Porque uma imprensa que, sob a razão social e aparências de livre empresa, se presta a viver na prática como se fora imprensa estável ludibriaria seu público primeiro, para imbecilizá-lo depois». (Editorial de O Estado de S. Paulo, 7/4).

«O povo esteve com Ibis na avenida». (manchete do JC, 4/4)

«Prefeito esteve com o povo na rua São Carlos». (JC, 13/4).

«Estão hermeticamente arrolhadas as vozes dos veículos publicitários». (Jornal de 2a., semana de 15 a 21/3)

«A coisa mais chatérrima deste mundo é chegar alguém perto da gente, com o ar mais simplório, e dizer: «O senhor, que anda por aí, não sabe de um emprego para mim?» (Antônio Machado Sant'Anna, JJ)

«A mentalidade com que hoje se vive não é mais cristã e temos enorme dificuldade para conciliar certas atitudes que tomamos na vida prática com a essência da moral cristã que foi codificada no Decálogo. Estará errada a lei de Deus ou estará errada a sociedade atual?» (Osmar Utinguassú, Correio do Povo de Porto Alegre, 27/2)

«Há muito o que fazer neste mundo Terra. Há muito que consertar. Muita coisa errada vem desde longe, mas tudo será corrigido. Cabe aos seres humanos a correção dos erros. Todo aquele que comete erros tem que repará-los». (JJ, 14/3, coluna «Racionalismo Cristão»)

«Eles hoje ganham milhões e dão para a torcida apenas migalhas de seu futebol. Antigamente, a gente ganhava pouco mas transimtia, com empenho, muita alegria». (Rodrigues, ex-ponta-esquerda do Palmeiras e do Paulista de Jundiaí)

«Aliás, existia naquela época uma frase sagrada: «A confiança do médico na saúde do doente depende da consciência do farmacêutico». Eu pergunto: isso ainda vale? Se tivesse eu mesmo que responder, diria que não: cadê a manipulação?» (Mário Diogo de Carvalho, farmacêutico).

«Quem ficou acordado na madrugada de segunda-feira, assistindo pela televisão à grande festa de entrega do Oscar, pôde testemunhar o que se pode chamar de um verdadeiro duelo de belezas entre tres superstar, cada uma na sua faixa». (João Carlos Lopes, JJ, 4/4)

«Duelo — s.m. Combate entre duas pessoas». (Novo Dicionário de Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira).

«As nossas pretensões não é a de uma Feira que dure um ou dois meses, mas essa experiência já é uma experiência definitiva onde dois grandes ingredientes não pode faltar: público e artistas. Os artistas estão na praça, apenas precisam de sua participação, portanto dê uma passada sábado na praça e tire suas conclusões». (JJ, página 12, 6/4)

«Em muitas cidades do Interior há faculdade de Letras — às vezes mais de uma — e nenhuma livraria, o que é muito sintomático». (Osman Lins, escritor)

«Magistério no Brasil é um subemprego. O professor não pode realmente se dedicar à sua carreira porque, para atender relativamente às necessidades da família, tem que lecionar pelo menos em duas ou tres escolas. No entanto, já está provado que dar acima de 30 ou 40 horas de aula por semana, sob o ponto de vista didático e humano, é totalmente absurdo». (Milton José Pinto, professor do Departamento de Letras da Universidade Católica e de Comunicações da UFRJ)

«Jogue um copo d'água na chama de sua dúvida e você vai ver que amar não é exigir nada em troca». (Jornal da Cidade, 4/4)

«Os jornais do interior vivem de seu entusiasmo. Mas o jornalista, que trabalha no mínimo 10 horas por dia, é obrigado a ter dois, tres e até quatro empregos para manter a família; no fim do mes, recebe um salário que mal dá para pagar as contas. Um clima de insegurança envolve sua vida porque, de um modo geral, não é registrado na empresa onde trabalha, não tem direito a nenhuma das garantias estabelecidas pela legislação e nem sempre possui o registro profissional». (Editorial do jornal Unidade, do Sindicato dos Jornalistas de S. Paulo)

«Frequentemente, e de acordo com as conveniências de momento, as atividades jornalísticas e comerciais são confundidas pelo patrão. E quem reage a isso acaba tendo poucas opções de trabalho. Com o tempo, o jornalista se acostuma, incorpora ao seu orçamento o que ganha na coleta de anúncios. Depois disso, é muito difícil se livrar desse círculo vicioso». (Unidade)

Puffs!

Deslindar é uma espécie de cirurgia plástica, ao contrário.

Fanfarronada é uma reunião festiva do Ministério italiano, durante a qual se come à vontade.

Garoupa é o mesmo que filé de peixe a cavalo.

Hidrante foi um escritor napolitano que possuía sete cabeças.

Realengo é uma conversa-mole do imperador para com a corte.

Tordilho é um prato mexicano à base de carne de cavalo.

Dobrão era uma veste pesada, utilizada pelos invasores portugueses.

Mordomia é uma degeneração psicológica que leva as pessoas a comerem carne humana.

Saquê é uma gíria francesa que corresponde ao nosso «moreis».

Letargia é aversão pela morte.

Nódoa: foi uma cortezá egípcia que pagou caro os seus pecados.

Palatina é uma espécie de abóbora de cor azul.

Scherzo foi um compositor polonês de tendências marxistas.

Miúças são touros-anões, criados por especialistas japoneses.

Polimônio é uma doença semelhante ao cálculo renal.

Periodontite é um mal que ataca as mulheres ciclicamente.

Corveta é uma pequena ave que traz sorte.

Bainha é aquela celulite que transparece na roupa das mulheres.

Escarlate é uma jogada, no pôquer, onde se atira fora uma carta de ouros.

Farpa é uma espécie de peixe que possui muita espinha.

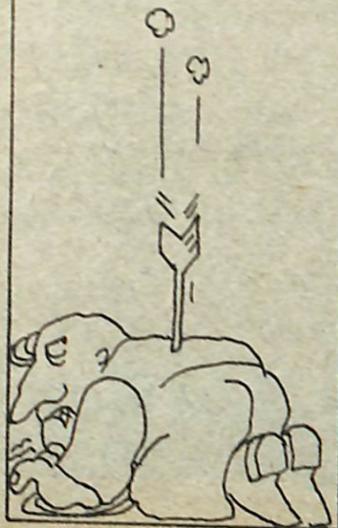
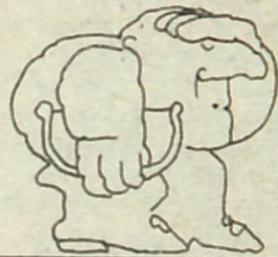
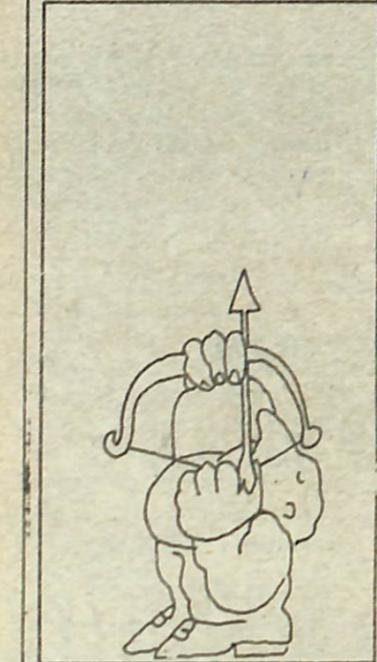
Homônimo foi um escritor grego muito parecido com Ulisses.

Perfunctório é o mesmo que desodorante íntimo.

Retráctil é uma delicada pintura japonesa, feita à mão.

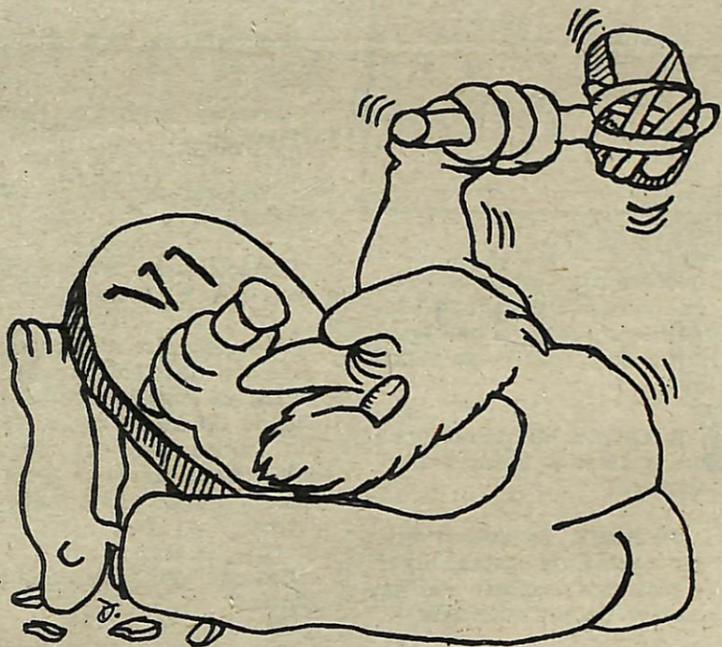
Sextilha é uma espécie de poesia erótica.

ZARTEU





PROVÉRBIOS REVISADOS



Os cães ladram e a carrocinha passa.
 Quem tudo quer só joga na Zebra.
 Para bom entendedor, pala basta.
 Em terra de cego, quem tem um olho não perde o "Pecado Capital".
 Um é pouco, dois é bom, três é goleada.
 Pelo tamanco se conhece o imigrante.
 Depois da tempestade vem a ambulância.
 Na prática, eu teria outra.

Teocrates de Miranda

CRIMÉ E CASTIGO

O ex-prefeito de São Paulo, Miguel Colasuonno, aquele que foi seu secretário dos Negócios Extraordinários e a empresa teatral "Vigiani" foram condenados a pagar ao município quase dois milhões de cruzeiros. Isto porque promoveram às custas do muni-

cípio a vinda do Balé de Paris a São Paulo. O processo aberto contra eles foi por ato administrativo.

Jundiaí, esta terra tão castigada, bem que merecia igual sorte. Estamos falando do processo, é claro.

UM PRESENTE PARA O SR. CRUZ

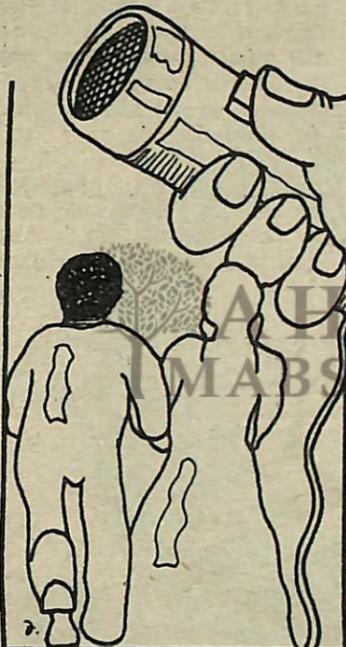
Ouvido na Prefeitura: o sr. Cruz, prefeito municipal, ganhou uma bellssima caneca de um assessor, com os dizeres "Corinthians, campeão paulista de 1976" Dias depois, o Corinthians perdeu para o Noroeste, em pleno Pacaembu, o que fez o outro assessor criticar o colega:

—Além de puxa-saco, pé frio.

O CASAMENTO DO ANO. ISTO É, DO CASSIANO.

Notícia exclusiva para o Jornal de 2a.: o repórter Cassiano da Silva está de casamento marcado para o dia 17 de junho. A equipe "boa de bola" já está escalada para o acontecimento: transmissão de Hélio Luiz, comentários de Nelson Figueiredo Brito e reportagem de sacristia de Wilson Martins.

Alô, Cassiano, prossiga daí!



POSSE

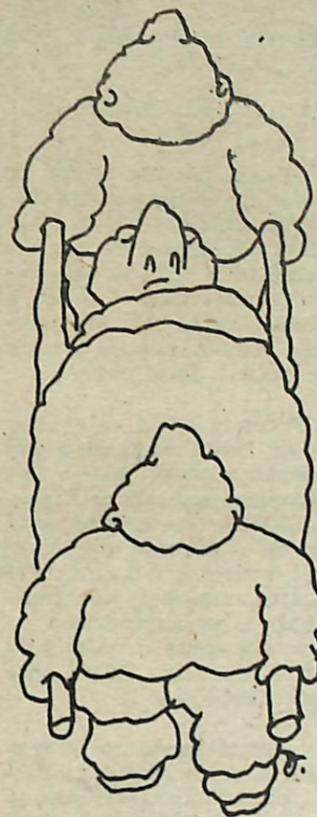
O Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia da Sexta Região realizou uma reunião especial no último dia 23, tendo tomado posse os inspetores do CREA, designados para vários municípios do Estado.

A Inspetoria de Jundiaí está assim composta:

Inspetor-chefe: Eng. Civil Renato Camargo de Andrade.

Inspetores: Arq. Sergio Roberto Orsi e Agr. Antonio Araujo Vieira.

ACONTECEU EM JUNDIAÍ. ESTÁ NUM LIVRO DO STANISLAW.

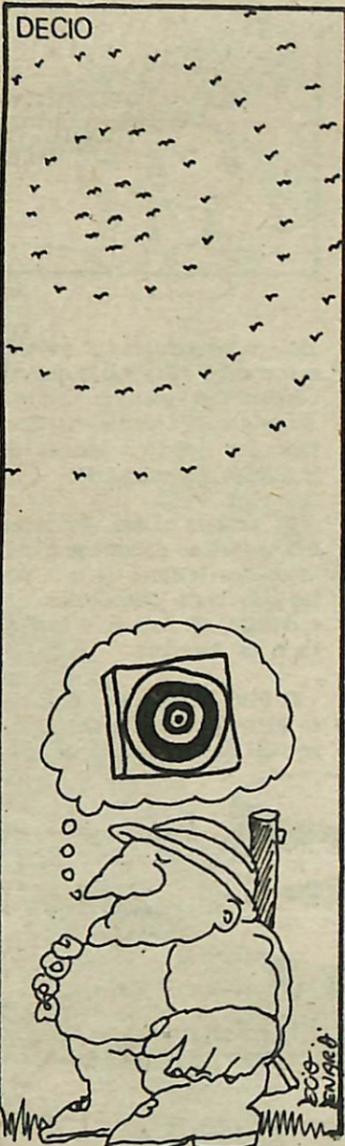


Está na página 110 do livro «Garoto Linha Dura», do Stanislaw Ponte Preta (relançamento da Editora Civilização Brasileira). O título da história é «A Barba do Falecido» e, segundo o autor, o caso aconteceu em Jundiaí.

Por falta de espaço, damos aqui apenas um trecho da história. Quem se interessar que procure o livro para saber o resto:

«Aconteceu em Jundiaí. Orozimbo Nunes estava passando mal e foi internado pela família no Hospital São Vicente de Paulo, para tratamento. Orozimbo...»

Isso aí foi verdade mesmo, hospital? (A.F.)



ATENÇÃO ASSINANTES

Nós temos o mais eficiente sistema de entrega a Vocês. Mas como a completa perfeição ainda é uma meta inatingível, ela pode falhar. Caso, isso aconteça e o J. 2.a

não esteja em suas residências na segunda-feira, telefone para 4-2759, que imediatas providências serão tomadas para não os privar de ler o J. 2.a.

ADVOCACIA
 Dr. André Benassi
 Dr. Randal J. Garcia
ESCRITÓRIO
 RUA BARÃO, 873
 TELEFONE 4-3889
 JUNDIAÍ-SP

NOVIDADES
Charme
 CALÇADOS
 ROSÁRIO, 626

Foto Gelli
 Rua do Rosário, 334
 Fone, 4-2253

Açougue e Casa de Carnes
 Marcio Cacezes
 Rua Senador Fonseca, 1032
 Entregas à domicilio
 Fone 6-4880

Escritório de Advocacia
 dr. ademercio lourenção
 dr. alcimar a. de almeida
 dr. francisco v. rossi
 RUA SIQUEIRA DE MORAES, 578 - JUNDIAÍ - SP
 EDIFÍCIO MAR...

Foto Luiz
 Rua São José, 22

Escritório Comercial Leonel
 Rua Vigário JJ Rodrigues, 162
 Fone, 6-1541

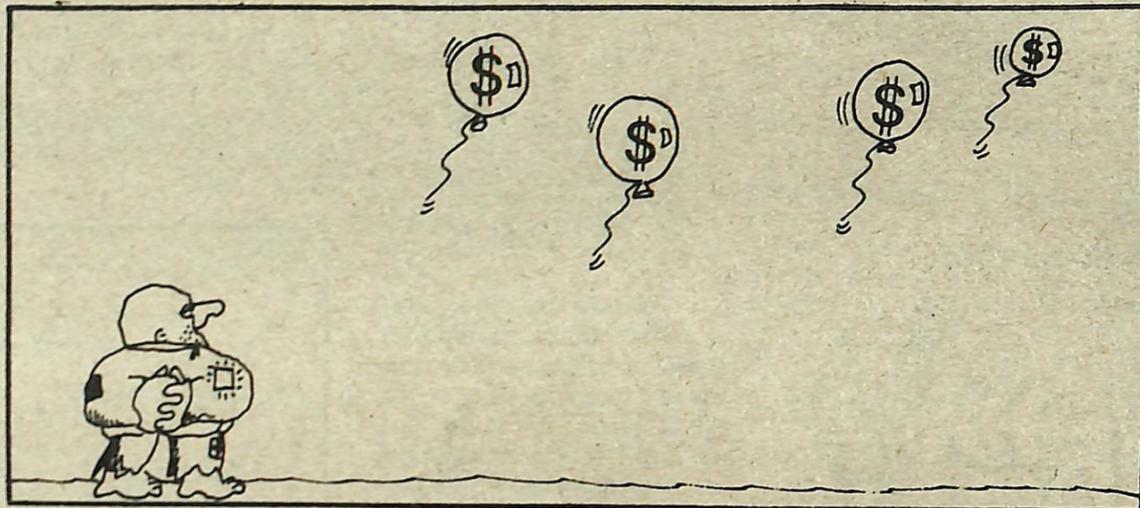
Ibis gasta Cr\$ 18.503,00 por dia, em propaganda.

Acuado por um pedido de informações do vereador José Rivelli, o prefeito Ibis Cruz não teve como fugir à competente resposta que, para perplexidade popular e conhecimento das autoridades, fazemos público através das colunas deste jornal.

Pudemos então saber que o sr. Ibis Cruz gastou em apenas noventa dias a astronômica quantia de Cr\$ 1.665.334,00 (um milhão, seiscentos e sessenta e cinco mil, trezentos e trinta e quatro cruzeiros), em prosopopéia propagandística, o que, consoante a nossa epígrafe representa 18.503 cruzeiros diários!

Concomitantemente com o aparecimento de publicidade ociosa nas colunas dos jornais, os leitores constatarem o nosso protesto contra a indiscriminada evasão do dinheiro público para arrolhar o azucrin de plumitivos que vinham incomodando o prefeito com a divulgação escancarada dos descaminhos administrativos.

Surpreendentemente, porém, ao invés da objurgatô-



ria, passarem eles a bajular o ferrenho adversário que na véspera os acusara como corruptos marcados na Justiça por práticas lesivas do interesse comunitário.

O porque dessa estranha metamorfose deixamos a critério dos leitores já que deles são bem conhecidos um e outros, ou sejam, o prefeito e os escribas.

O fato é que o eco do nosso grito vem se perdendo na região dos moucos, no de-

serto das conveniências incompreensíveis.

A lei aí está, meridiana, cristalina, insofismável: é vedado ao prefeito pagar jornal outro senão aquele contratado para o fim. Quando se tratar de matéria caracterizada como não justificável perante a lei, nem no jornal sob contrato pode ser inserida.

Entretanto, pergunta-se se adianta algo o que diz a lei se o desrespeito é flagrante e inexistente na cidade

quem a faça cumprir?

A Justiça é cara, como todo mundo sabe, o que torna a reação proibitiva ao município.

A Câmara de Vereadores, ora a Câmara. Quem a desconhece?

De positis, há que se dirigir a esmo um sustenido que é mais um desabafo que um clamor de providências:

Em que terra estamos, senhores?

A quem cumpre defender o dinheiro do povo nesta infausta conjuntura?

A guisa de curiosidade, vamos transcrever a resposta a que foi forçado o prefeito, referente aos gastos com publicidade:

... «Vimos informar que:

Exercício de 1973 — Cr\$ 11.521,86.

Exercício de 1974 — Cr\$ 220.476,44.

Exercício de 1975 — Cr\$ 1.615.465,72.

Exercício de 1976 (3 meses) — Cr\$ 1.665.334,00.

Esse dinheiro foi generosamente distribuído para o Jornal de Jundiá, Jornal da Cidade, Rádio Difusora, Rádio Santos Dumont, Manchete, Cruzeiro, Meta Publicidade, Mundo Econômico e outros.

Em que terra estamos, senhores?

A quem cumpre defender o dinheiro do povo nesta infausta conjuntura?



Sim, senhores! Há que parecer exagero. Mas temos em mãos, para a competente comprovação, em qualquer dia, local e hora, documento que atesta os gastos nababescos do prefeito com comida nos restaurantes da cidade e da capital.

Cento e setenta e nove mil, trezentos e vinte um cruzeiros e cinquenta centavos, (Cr\$ 179.321,50), em apenas tres meses!

Gastou em média nada mais, nada menos, que Cr\$ 1.992,00 por dia.

E quanto custaram as vestais do nosso alcaide no primeiro trimestre do ano. A quanto subirá o regabófe de s.s. até ao fim do exercício não é possível prever-se. Mas, vai longe, muito longe. O homem está desaçaimado e ninguém segura o seu galope. Já percebeu que nesta terra cada qual quer nada com nada. Todos estão vendo que o navio vai afundando, mas que importa se pisam solo firme.

Entretanto, cá entre nós, leitor, você acha que dá pa-

ra se comer 1.992 contos por dia? Não é meio muito? É bem verdade que via de regra a curriola participa da patuscada. Mesmo assim, é comida p'ra burro. Não dá para se acreditar numa coisa dessas.

Todavia, o certo é que se as respectivas contas porventura ainda não estejam pagas, já estão empenhadas para que o sejam.

De conformidade com os dados oficiais, as festas glotonárias do prefeito tiveram palco, entre outros, nos restaurantes do Parque, Haití, Carpas, Cantina, estes na cidade, e, Borba Gato, na estrada, e, diversos na capital. Não se falou no Balalaio...

Jundiá, como se situa entre as grandes cidades interioranas, é dinâmica e progressista. Não obstante, o povo é pobre na sua grande maioria. Paga a duras penas o escorchanto imposto de suas casas humildes nos bairros e subúrbios, onde se localizam as indústrias e oficinas do seu ganha-pão. Não é aceitável, pois, que das suas aperturas se descarte

os desperdícios do prefeito na contumácia dos restaurantes.

A Câmara Municipal tomou conhecimento das ocorrências que estamos trazendo a público. Uma edilidade soberana diante do fato teria chamado o prefeito à responsabilidade. A nossa, porém, permanece qual Inês posta em sossêgo.

Atentemos para os números em redondo para ver a que ponto chegamos em termos de absurdo:

Considerando-se que uma boa refeição em qualquer restaurante, mesmo nos de luxo, está estimada em 50 cruzeiros. Daí conclue-se que, nessa base, nada menos de 40 pessoas por dia comem à custa dos cofres municipais.

Se reduzirmos esse número para 5 comensais diários, chegaremos à inaceitável estimativa de que cada um come 398 cruzeiros por refeição, (inclusive domingos e feriados), num total de 1.992 cruzeiros. Além de wiski escocês, caviar e vinho velho das cantinas européias isso

dá para se deglutir os mais sofisticados menús que um «patriotismo abdominal» possa suportar sem indigestão.

A grosso modo, não é possível entender-se esses gastos com o dinheiro do povo. O sr. Ibis Cruz precisa vir à rua e explicar essa situação. É um dever ao qual o prefeito não pode se esquivar.

Se não o fizer, teremos que partir para conclusões óbvias que jamais poderão ser levadas à categoria de calúnia.

A cifra de Cr\$ 179.321,50, representando os gastos do executivo nos restaurantes, em apenas tres meses, foi-nos indiretamente fornecida pelo próprio prefeito por força de lei e vem autenticada com a sua assinatura. Não há como fugir, portanto à sua veracidade.

Diante do inusitado e na defesa do patrimônio do povo, TEM A PALAVRA O SR. IBIS CRUZ, o que pode fazer, se quiser, por estas colunas, poupando as reservas do erário. C.V.